PLAYBOY®

EDITORA ABRIL
N.º 47 JUNHO 1979
Cr$ 45,00

Um Show de Mulher:

★ LIBERADAS SEM CORTES AS FOTOS OUSADAS QUE VOCÊ ATÉ AGORA NÃO PODIA VER!

★ AS CANTORAS ERÓTICAS DAS DISCOTECAS (ENTRE ELAS, GRACE JONES E A BRASILEIRINHA LILIAN)

★ UM STRIP-TEASE COMPLETO PARA VOCÊ CURTIR DEVAGARINHO

MORDIDAS, SEXO ORAL, LOUCURAS MIL... ATÉ ONDE VOCÊ DEVE SE SOLTAR NA CAMA

UMA ENTREVISTA SURPREENDENTE COM O GALÃ TONY RAMOS

OS BASTIDORES DA GUERRA MUNDIAL CONTRA OS PIRATAS AÉREOS: OS COMANDOS, AS ARMAS E AS TÁTICAS DE CADA LADO

VICENTE MATHEUS: "POR QUE NÃO LARGO O CORÍNTIANS!"

SETE HOMENS RICOS INDICAM OS MELHORES NEGÓCIOS DO BRASIL PARA QUEM QUER COMEÇAR HOJE

ENTRE NÓS

O que é normal e o que é anormal em matéria de sexo? A questão, certamente, nos preocupa, não é mesmo? Neste número, o jornalista **Josué Machado** discute e responde a essa intrigante pergunta, à luz da moderna sexologia. Seu artigo é complementado pelo sexólogo norte-americano **Wardell Pomeroy** (co-autor do famoso Relatório Kinsey), que expõe diversos critérios para classificar um comportamento sexual como "anormal"

Trazemos também oportunas respostas para uma pergunta de outro gênero: que áreas de atividades devem escolher aqueles que pretendem começar a fazer fortuna? Consultamos sete empresários bem-sucedidos e *ricos* e eles indicaram os melhores negócios do Brasil.

Vicente Matheus é outro expressivo exemplo de empresário bem-sucedido e rico, mas o que se pergunta sobre ele é como e por que se tornou o cartola mais popular do futebol brasileiro, e, sobretudo, *por que não larga o Corínthians.* A carreira, o folclore e o pensamento muito vivo de Matheus estão no seu perfil, escrito por nosso editor **Fernando Pessoa Ferreira,** com a colaboração dos repórteres **Salim Gabriel** e **Oswaldo Vitta.**

Sucesso ainda mais rápido, embora em área diferente, é o de **Tony Ramos,** o jovem ator que se tornou um dos galãs mais populares da televisão. Nosso editor **Marco Aurélio Borba** acompanhou Tony durante suas gravações nos estúdios da Globo, numa viagem a Mato Grosso do Sul e em longas conversas — cujo resultado, surpreendente e sincero, é a grande entrevista deste mês.

Carlos Alberto Ricelli, o "Aritana" outro jovem galã consagrado pelas novelas —, também está em nossas páginas, com um esclarecedor depoimento sobre as mudanças que sua vida sofreu depois de ter convivido em seu último trabalho na TV com as tribos do Parque Nacional do Xingu *(Quero Salvar os Nossos Índios).*

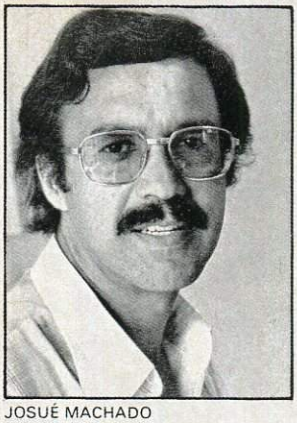
Na área de ficção, trazemos de volta dois esplêndidos ficcionistas, daqui e de fora: **Deonísio Silva** (com o conto *Se Essa Escola Falasse . . .*, ilustrado por **Nílton Ramalho**) e **John Updike** *(Os Gestos do Desejo).*

Convidamos você também para um estimulante mergulho na aventura: o jornalista **Roger Simon** nos traz os segredos dos caçadores de tesouros, mostrando que *Ainda Há Tesouros à Sua Espera* e o que fazer para recuperá-los. Suspense, por outro lado, é o que não falta na guerra contra a pirataria aérea, cujas táticas e armas secretas são reveladas por **David B. Tinnin** e **David Halevy.**

Emoção bem mais amena é a que você experimentará acompanhando a seqüência sensual de um *strip-tease;* e se deliciando com *As Fotos Que Você Queria (E Nós Também),* cheias de maravilhosas garotas (a começar pela capa), mas que, por motivos de "força maior" esta revista não podia, até agora, publicar. Outra coleção que reunimos aqui pra você: as cantoras *disco* mais badaladas e lindas do mundo *(Elas Excitam as Discotecas).*

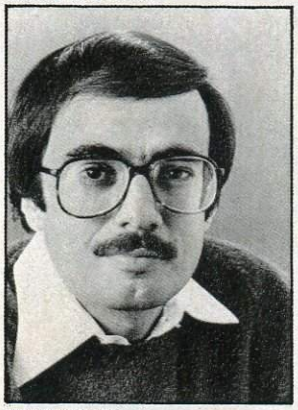
Antes do até logo, uma sugestão: convide alguém muito especial para provar com você as suaves ardências de um autêntico *Daiquiri* e, se ainda lhe restar uma mão livre, procure no seu FM uma música embaladora. Se não achá-la com facilidade, sinta-se solidário com o protesto de **Aldemir Martins**: o famoso desenhista e pintor reivindica, no *Recado* de Doce Vida, menos barulho e mais música brasileira para nossos ouvidos. Até julho.

VICENTE MATHEUS E FERNANDO P. FERREIRA


JOSUÉ MACHADO

DEONÍSIO SILVA

RICELLI


ROGER SIMON

ALDEMIR MARTINS

JOHN UPDIKE

DAVID TINNIN

NÍLTON RAMALHO

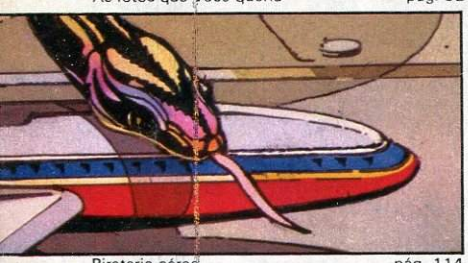
Ano 4, n.º 47 - junho 1979

PLAYBOY

Capa: Laura Lyons. Foto/Dwight Hooker

Vicente Matheus pág. 48

As fotos que você queria pág. 92



Pirataria aérea pág. 114

Sugestões para a crise de petróleo pág. 69

Mulher

As cantoras de discoteca		51
Missy: "curtir a vida é comigo!" **poster**		76
As fotos que você não podia ver		92
Não seja discreto! **ensaio**		103

Humor

As propostas de Playboy para a crise de petróleo		69
As piadas de Playboy		164

Entrevista

Playboy entrevista Tony Ramos		35

Ficção

Os gestos do desejo	JOHN UPDIKE	58
Silêncio e gemidos		86
Se essa escola falasse	DEONÍSIO SILVA	90

Depoimento

"Quero salvar nossos índios"	CARLOS ALBERTO RICELLI	100

Artigos

O que é normal no sexo	JOSUÉ MACHADO	63
Ainda há tesouros à sua espera	ROGER SIMON	72
Os melhores negócios do Brasil	MÁRIO BLANDER	88
Pirataria aérea	D. TINNIN e D. HALEVY	114

Perfil

Por que Matheus não larga o Corintians	FERNANDO P. FERREIRA	48

Serviço

Entre na onda do daiquiri	EMANUEL GREEMBERG	75

Doce Vida

Recado	ALDEMIR MARTINS	25
Moda	FERNANDO DE BARROS	25
Noite	DEONÍSIO MADRUGADA	26
Comida	PANTA & GRUEL	26
Música brasileira	TÁRIK DE SOUZA	28
Cinema	RUBENS EWALD F.º	30
Leitura	GERALDO GALVÃO FERRAZ	31
Música Internacional	EZEQUIEL NEVES	33

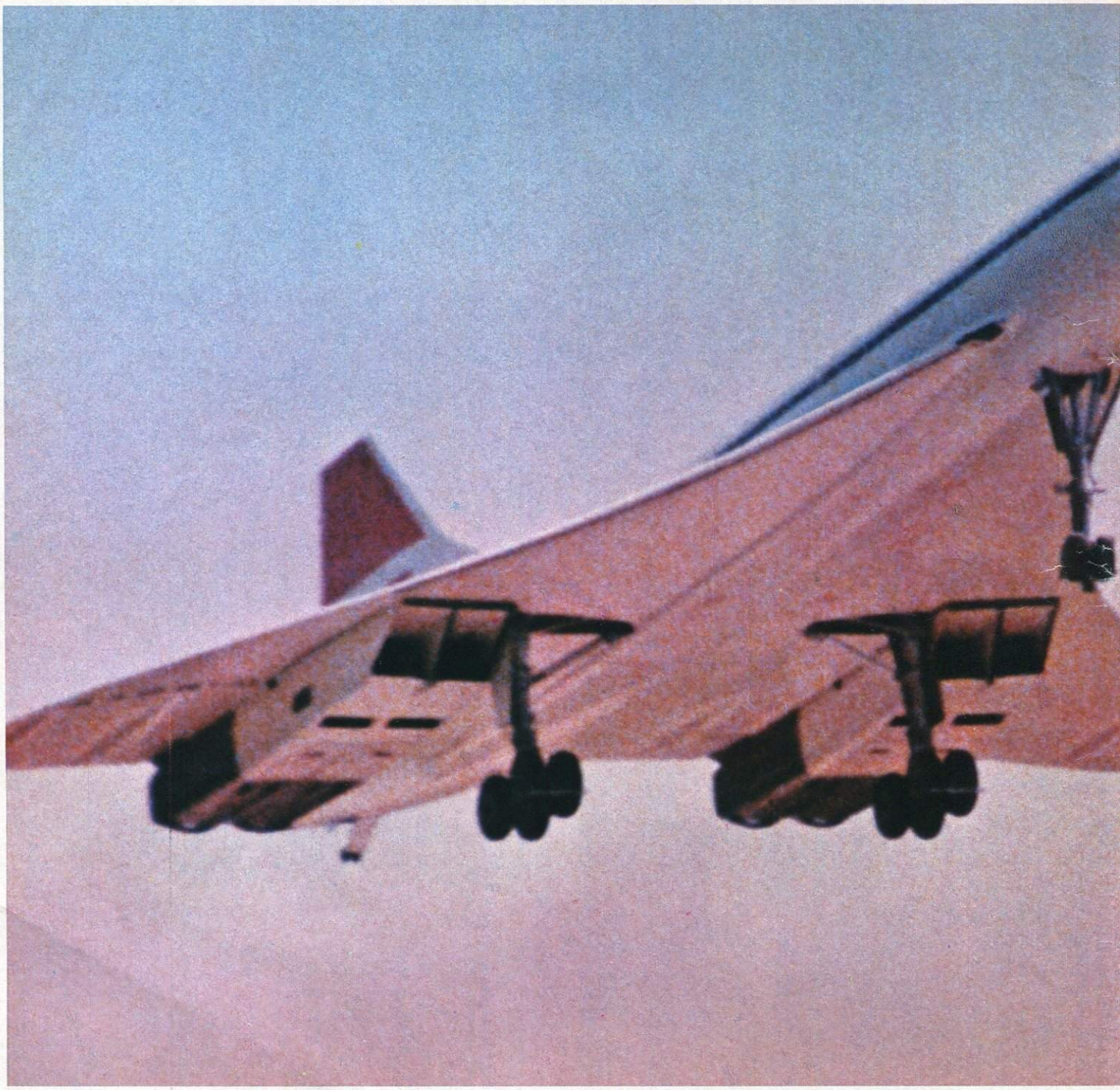
Seções

Entre nós	03
Caro Playboy	08
Pontos de Vista	17
Bazar	20
Assessoria	22
Transas	161

PLAYBOY É UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL LTDA./GRUPO MASCULINO/REDAÇÃO, PUBLICIDADE, ADMINISTRAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: RUA DO CURTUME, 585, TEL.: 262-6222/CEP 01390, CAIXA POSTAL 2372, TELEX 011-23227, SÃO PAULO/ESCRITÓRIOS: BELÉM: R. XV DE NOVEMBRO, 226, SALA 1313, EDIFÍCIO CHAMIÉ, FONE: 22-5507/BELO HORIZONTE: AV. ÁLVARES CABRAL, 908, TELS.: 337-0351 E 335-0163, TELEX 031-1085, TELEGRAMAS: ABRIL PRESS/BRASÍLIA: SCS PROJETADA, 6, EDIFÍCIO CENTRAL, 13.º ANDAR, SALAS 1 301/8, TELS.: 24-9150, TELEX: 061-1464, TELEGRAMAS: ABRIL PRESS/CURITIBA: R. FERNANDES DE BARROS, 491, TEL.: 62-8942, TELEX: 041-5278, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/FLORIANÓPOLIS: R. FELIPE SCHMIDT, 51, EDIFÍCIO JACQUELINE N.º II, SALA 201, FONE: 22-7826/PORTO ALEGRE: R. VIEIRA DE CASTRO, 285, TELS.: 23-9502 E 23-9446, TELEX: 051-1092, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/RECIFE: R. SIQUEIRA CAMPOS, 45, EDIFÍCIO LYGIA UCHOA MEDEIROS, CONJS. 24/5, TEL.: 24-4990, TELEX: 081-1184, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/RIO DE JANEIRO: R. DO PASSEIO, 56, 6.º/11.º ANDARES, TELS.: 244-2022, 244-2107 E 244-2152, CAIXA POSTAL 2372, TELEX: 021-22674/SALVADOR: R. ITABUNA, 304, PARQUE CRUZ AGUIAR, BAIRRO DO RIO VERMELHO, TEL.: 247-0580, 247-9762, 247-3999, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/DISTRIBUIDOR NOS EUA: M&Z REPRESENTANTES, 112 FERRY STREET, NEWARK, N. J. 07105, TEL.: (201) 589-2794/PREÇO DO EXEMPLAR AVULSO: O CONSTANTE NA CAPA. NINGUÉM ESTÁ CREDENCIADO A ANGARIAR ASSINATURAS: SE FOR PROCURADO POR ALGUÉM, DENUNCIE-O ÀS AUTORIDADES LOCAIS/NÚMEROS ATRASADOS: AO PREÇO DA ÚLTIMA EDIÇÃO EM BANCA, POR INTERMÉDIO DE SEU JORNALEIRO OU NO DISTRIBUIDOR ABRIL DE SUA CIDADE, EM SÃO PAULO: AV. TIRADENTES, 1 391, TEL.: 227-5636; RUA SÃO DOMINGOS, 212/214, S/LOJA, TELS.: 37-1665 E 37-0993; R. ANTONIO DE BARROS, 841, TEL.: 296-8812; R. JOÃO PEREIRA, 197, TEL.: 260-4460; R. CLODOMIRO AMAZONAS, 896, TEL.: 543-4207; R. DOMINGOS DE MORAES, 1851, TEL.: 71-3501; R. BARÃO DE CAMPINAS, 452, TEL.: 221-1867; R. OIAPOQUE, 91/99, TEL.: 92-1446; NO ABC: AV. INDUSTRIAL, 117 (SANTO ANDRÉ), TEL.: 449-9411; NO RIO DE JANEIRO: R. SACADURA CABRAL, 141; PEDIDOS PELO CORREIO: CAIXA POSTAL 946, SÃO PAULO/TEMOS EM ESTOQUE SOMENTE AS ULTIMAS SEIS EDIÇÕES/TODOS OS DIREITOY RESERVADOS/IMPRESSA E DISTRIBUIDA COM EXCLUSIVIDADE NO PAÍS PELA ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL, SÃO PAULO. **PLAYBOY** NÃO ADMITE PUBLICIDADE REDACIONAL/AS OPINIÕES DOS ARTIGOS ASSINADOS NÃO SÃO NECESSARIAMENTE AS ADOTADAS PELA REVISTA, PODENDO SER ATÉ CONTRÁRIAS ÀS MESMAS. REGISTRADA NA D.C.D.P. DO D. P. F. SOB O N.º 1439 – P. 209/73

© 1979 EDITORA ABRIL
© 1971, 1973, 1976, 1977, 1978, 1979 PLAYBOY AS TO MATERIAL PUBLISHED IN THE SEPTEMBER 1971, OCTOBER 1973, FEBRUARY, MARCH/APRIL, MAY 1976, JANUARY, APRIL, JUNE, JULY, OCTOBER, NOVEMBER 1977, MAY, JUNE, JULY, NOVEMBER 1978, JANUARY, FEBRUARY, APRIL, JUNE 1979 ENGLISH LANGUAGE ISSUES OF PLAYBOY. PLAYBOY AND RABBIT HEAD SYMBOL ARE REGISTERED MARKS OF PLAYBOY ENTERPRISES INC.

AGORA, MIRAGE. O



AVANÇO AO FUTURO.

Conheça uma nova dimensão no prazer de fumar.

Agora, Mirage. Com você. Porque este é o seu tempo. Tempo de avançar para novas vitórias. Ousadia de buscar novos caminhos.

Abrir horizontes mais amplos.

E vivendo novas emoções, libertar-se da rotina, conquistar o futuro. Tempo de Mirage.

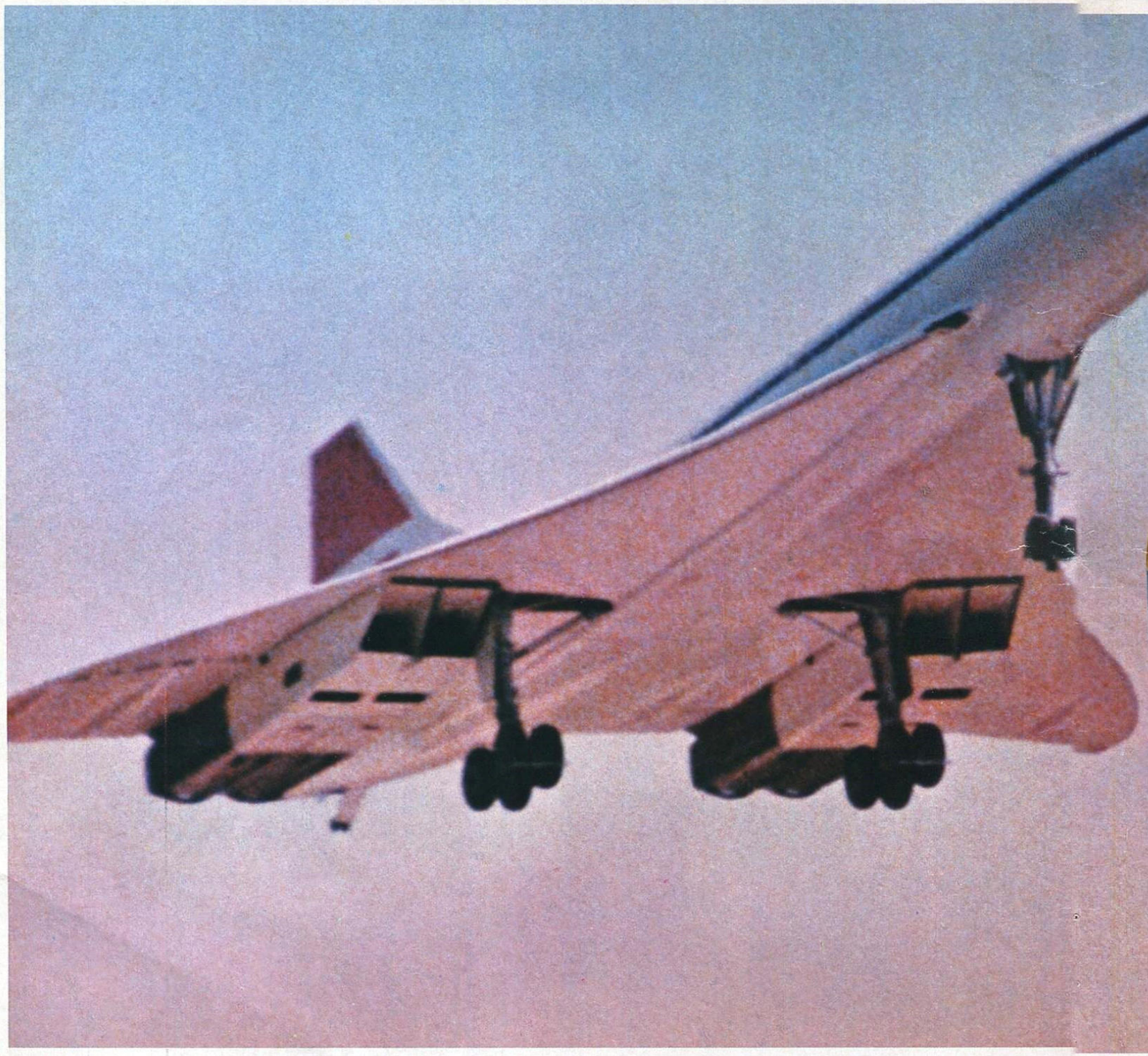
A ousadia de uma nova mistura dos mais ricos fumos, criando um novo e grande sabor com exclusiva suavidade.

Agora, avance para Mirage - o avanço ao futuro. Com você.

MIRAGE

Um novo e grande sabor com exclusiva suavidade.

AGORA, MIRAGE. O AVANÇO AO FUTURO.



Conheça uma nova dimensão no prazer de fumar.

Agora, Mirage. Com você. Porque este é o seu tempo. Tempo de avançar para novas vitórias. Ousadia de buscar novos caminhos.

Abrir horizontes mais amplos.

E vivendo novas emoções, libertar-se da rotina, conquistar o futuro. Tempo de Mirage.

A ousadia de uma nova mistura dos mais ricos fumos, criando um novo e grande sabor com exclusiva suavidade.

Agora, avance para Mirage - o avanço ao futuro. Com você.

MIRAGE

Um novo e grande sabor com exclusiva suavidade.

CARO PLAYBOY

ESCREVA PARA CARO PLAYBOY
CAIXA POSTAL 2372, CEP 01390
SÃO PAULO, SP

O ENCANTO DE MARISA

Tenho um amigo americano, de Nova York, que ficou encantado com a PLAYBOY brasileira, ao vê-la pela primeira vez, em julho do ano passado, quando esteve passeando por aqui. Desde então tenho enviado mensalmente a revista para ele. Ao receber o número de abril e ver as fotos de Marisa, ele me telefonou de Nova York, dizendo-se perdidamente apaixonado por ela e me pedindo para

conseguir seu endereço. Sei que vocês não podem fornecer o endereço das garotas que saem na revista, mas gostaria que fizessem chegar às mãos de Marisa uma carta dele, que envio aos cuidados de PLAYBOY. **Raul Santos Filho,** Rio, RJ.

Achei sensacional a pesquisa sobre o que mais atrai as brasileiras (no homem) e também as fotos da maravilhosa Marisa. Quero um "bis" dela, tá legal? **Eduardo Pelosi,** Rio, RJ.

Eis Marisa, num bis para o Pelosi.

IMPRENSA E ABERTURA

Recém-chegado de uma viagem, li a entrevista feita com Miguel Arraes. Acho que vocês deram uma lição de imprensa e de abertura. É, sem sombra de dúvida, a melhor entrevista com Arraes publicada pela imprensa brasileira e uma das melhores feitas com exilados brasileiros. **Marcus Pereira,** São Paulo, SP.

Gostei da sensacional entrevista com Arraes, que nos dá uma visão mais ampla dos nossos problemas sócio-econômicos, principalmente os do nosso Nordeste, que está sempre em terceiro plano. E porque não dizer? — também gostei muito das garotas do número de março. **Erasmo Silvestre da Silva,** Recife, PE.

Quero cumprimentá-los com entusiasmo pela entrevista com o ex-governador Miguel Arraes. Ela transpira dignidade — a mesma dignidade com que aquele político governou, por um espaço de tempo curto, mas suficiente para deixar grandes lembranças no espírito de seus conterrâneos. **Júlio Barbosa,** São Paulo, SP.

MARLON BRANDO, ETC.

Fiquei contente e mais excitado do que nunca com as sensacionais fotos da PLAYBOY de abril e com a entrevista de Marlon Brando. **Celso Girão Junior,** Fortaleza, CE.

Escrevo-lhe para dizer o quanto está ótima a PLAYBOY n.º 45 (abril). Muito bons o artigo de García Márquez *(Cuba Sitiada)* e a entrevista de Marlon Brando. Merece destaque também o depoimento do psiquiatra Paulo Gaudêncio *(O Homem e a Mulher com Medo da Liberdade).* E as *Coelhinhas 79* são todas sensacionais! **Erick A. Pereira Lopes,** Rio, RJ.

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita
Vice-presidente de Publicações Femininas e Masculinas: Thomaz Souto Corrêa

PLAYBOY

Hugh M. Hefner
Editor and Publisher
U.S. Edition

REDAÇÃO
Diretor: Mário Escobar de Andrade
Redator-chefe: Ruy Fernando Barboza
Chefe de reportagem: Wilson Palhares
Editores: Fernando Pessoa Ferreira, Geraldo Galvão Ferraz
Secretário de Redação: Carlos Roberto da Costa
Editor-assistente: Marco Aurélio Borba
Repórter: Maria Lucília de Oliveira Santos
Produtoras: Wanda Carrilho (coordenadora), Cecília Ribeiro e Silvia Cintra Camargo
Assistente de Redação: Junko Yamanaka

ARTE
Chefe: Carlos Grassetti; **Chefe de paginação:** Lúcio Seiji Segawa; **Diagramadores:** Mauro Massayuki Kawamura, Alberto S. Lages Magalhães

PRODUÇÃO
Secretário de Produção: Néio Lúcio Carvalho Nobre; **Produtor de Texto:** José Glugoski

Ilustradores: Abrahão Lincoln Baraccat, Alberto Naddeo, Brad Holland, Claudio Tozzi, Christian Piper, Dennis Magdich, Gilberto Miadaira, Kathy Calderwood, Leroy Neiman, Martin Hoffman, Nilton Ramalho, Pat Dypold, Walter Hüne, Wanduir Durant
Colaboram neste número: Alberto Naddeo, Aldemir Martins, Ezequiel Neves, Luigi Mamprin, Marcelo Corção, Odillo Licetti, Rubens Ewald Filho e Tárik de Souza
Créditos de fotos da pág. 3: Luizinho Coruja (Matheus), Milton Shirata (Machado), Sérgio Sade (Deonisio), Arnaldo Silva (Riccelli), Abril Press (Simon e Martins), Vernon Smith (Tinnin), Michel Updike (Updike), Luigi Mamprin (Ramalho).

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio; Porto Alegre: Luis Cláudio Cunha (chefe de redação); **Belo Horizonte:** Carlos Lindenberg S. Castro (chefe de redação); **Curitiba:** Hélio Teixeira (chefe de redação), Amilton Vieira (fotógrafo); **Recife:** José Maria Andrade (chefe de redação); **Salvador:** Ricardo Noblat (chefe de redação); **Correspondentes, Paris:** Pedro Cavalcanti, Pedro de Souza, **Bonn:** Carlos Struwe, **Londres:** Jader de Oliveira, **Washington:** Roberto Garcia, **Nova York:** Odillo Licetti, **Tel-Aviv:** Alessandro Porro, **Madri:** Eric Nepomuceno, **México:** Wladir Dupont, **Roma:** Marco Antonio de Rezende
Matérias internacionais: via Varig, Air France e Aerolineas Argentinas
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente) e **Nova York:** Odillo Licetti (gerente), 444 Madison Avenue, Room 2201, N.Y. 10022, telex Edabril 237670, phone: (212) 688-0531 **Paris:** Pedro de Souza, 33, Av. Champs Elysées, 2.º, Bureaux 213 Bis 214, Paris 75008, Phone: 225-5865, telex: 660731, ABRILPA, França/**Milão:** Lydia Strafurini, Via Setembrini 45, 20124 Milano, Phone: 27-8659, telex: 320070 LEOABR, Itália/**Documentação:** Marilia S. J. França (gerente)/**Laboratório Fotográfico:** Jussi Lehto (gerente)

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE
Diretor: Leopoldo Amorim. **Supervisor:** João de Mattos Smith Jr. **Representantes:** Paulo Eduardo Dente Mello Vianna, Luiz Alberto S. Santos. **Coord.ª de Publicidade:** Sadako Sigematu

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Gerente de Produto: Sylvian Mifano;
Assistente Comercial: Alexandre Corte
Gerente de Promoções e Propaganda: Maria Luiza Volponi
ADMINISTRAÇÃO
Gerente: Aydano Roriz

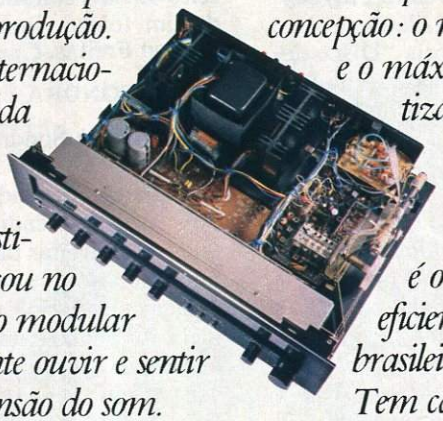
ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Belém, gerente: José M. Alves Fernandes; **Belo Horizonte, gerente:** Marisa T. Parreiras; **Brasília, gerente:** Luiz Edgard P. Tostes; **Porto Alegre, gerente:** Elcenho Engel; **Recife, gerente:** Edmundo Morais; **Rio, gerente:** Álvaro Ceciliano F.º; **Representantes:** Francisco Mattos; **Curitiba, gerente:** Aldo Schiochet; **Florianópolis, gerente:** Geraldo Nilson de Azevedo; **Salvador, gerente:** Juracy Costa; **Diretor do Rio e Escritórios Regionais:** Sebastião Martins

CENTRAL DE PUBLICIDADE
Diretor: Oswaldo de Almeida Filho; **Gerentes:** Emil Teixeira, Luiz Celso F. do Amaral; **Representante:** Norberto Cagnacci; **Assistente Comercial:** Luiz A. Madio Sanchez

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

Ouvir o som grave, profundo, grandioso do Taiko confundido com um bumbo qualquer é apenas um dos exemplos do que você perde num equipamento de som convencional.

E isso não é uma questão de potência do som. É uma questão de qualidade de reprodução.



A Technics, internacionalmente reconhecida como dona da tecnologia áudio-eletrônica mais sofisticada do Japão, lançou no Brasil um conjunto modular para você finalmente ouvir e sentir a verdadeira dimensão do som.

Esse conjunto tem inovações exclusivas, avançadíssimas:

O Toca-Discos Technics tem motor de tração direta de 2ª geração (32 pólos), circuito BFG (micro-computador) que mantém o prato na rotação exata mesmo nas oscilações da rede elétrica.

A memória repetitiva deixa você ouvir o mesmo disco de 1 a 6 vezes ou infinitamente.

E tem controle estroboscópico da velocidade, cápsula cambiável.

O Receiver Technics AM/FM parte de uma nova concepção: o mínimo de controles e o máximo em automatização, e inclui o sistema Matrix para 4 caixas.

O Tape-Deck Technics é o mais durável e eficiente do mercado brasileiro.

Tem cabeça LH, para durar 90 anos funcionando 8 horas por dia.

Inclui sistema exclusivo de rebobinamento, auto-reprodução e revisão rápida sonora.

E as caixas acústicas, também desenvolvidas no Japão, garantem resposta absolutamente plana, sem colorações nem ressonâncias.

Todas as peças desses equipamentos, até o menor semicondutor, foram testadas e aprovadas pelos padrões da Technics japonesa.

E esse conjunto tem uma vantagem a mais que os Technics importados: é integralmente garantido, com assistência técnica aqui mesmo.

Para terminar, lembramos que a linha Technics é tão famosa que seus aparelhos são encontrados na BBC de Londres, na Radio Française, na CBC canadense, em 300 emissoras americanas e inúmeras outras.

Se você pode ter o melhor, por que se contentar com menos?

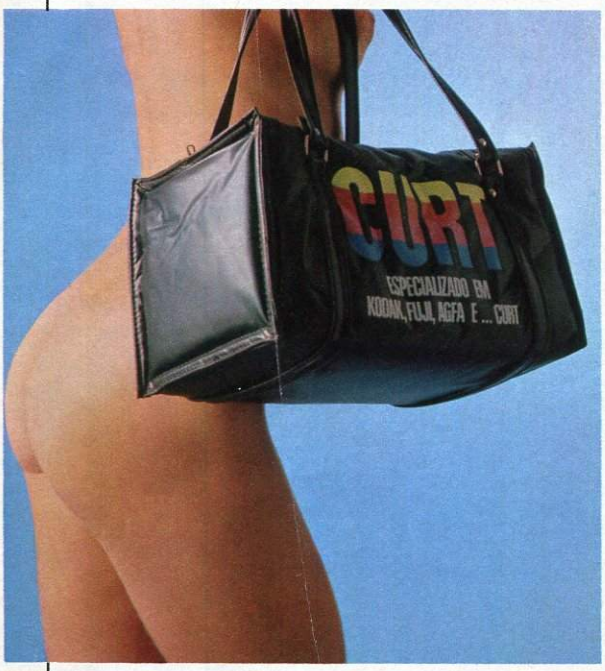
Raramente Technics é o primeiro equipamento de som das pessoas. Sempre é o definitivo.

National **Technics**
NATIONAL DO BRASIL LTDA.

Technics - a marca dos equipamentos de som mais sofisticados da National.

Bazar

Proteja seus filmes e lentes



Para você que curte fotografia, uma boa pedida é a bolsa térmica Curt, certamente inventada por alguém que teve seu hobby prejudicado pela chuva ou pelo calor. Naquelas suas incursões pela natureza, fotografando o pôr-do-sol ou as cocotas da praia, a bolsa protege os filmes e equipamentos fotográficos contra o calor e a umidade, já que é forrada de lã de vidro e feita de plástico ultra-resistente. As bolsas Curt podem ser compradas nas lojas Colorcenter (Rio de Janeiro: av. Gomes Freire, 315, e r. dos Inválidos, 146; e em São Paulo: no Shopping Center Iguatemi; Shopping Ibirapuera; r. Conselheiro Crispiniano, 28; e r. Maria Antonia, 90). Custam Cr$ 180.

Um som variado e portátil

Não há mais aquela Rádio Nacional dos anos 40 e 50, mas ouvir rádio parece ser uma mania em ascensão, especialmente por causa da Freqüência Modulada. Para esse novo público de rádio é que a Motoradio lançou seu aparelho portátil FM, que inclui ainda ondas médias, ondas curtas (19, 25, 31 e 49 m) e ondas tropicais, o que permite sua operação em qualquer ponto do Brasil. O Motoradio tem antena direcional, funciona a pilha (4 médias) e a luz (110 ou 220 V). Pesa 900 g e é apresentado nas cores preto, vermelho e laranja. À venda nas lojas especializadas em eletrodomésticos, por Cr$ 1 800.

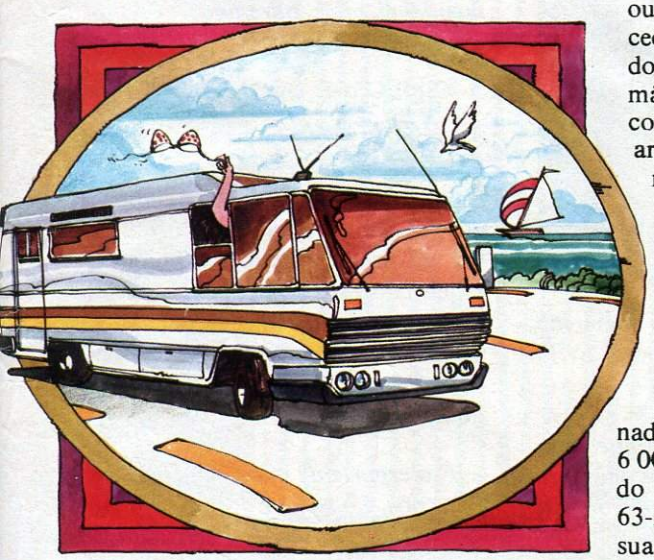
Filme, revele e veja

A Polavision, máquina para filmar e revelar instantaneamente, possui ainda projetor, e tudo a um preço relativamente menor que o sistema convencional com a vantagem da visão instantânea do filme. A imagem, revelada no cassete do filme, é projetada num pequeno monitor, semelhante a um televisor. O filme é um super 8 colorido e as imagens demoram 90 segundos para aparecer na tela. Você pode filmar durante dois minutos e 35 segundos com cada cassete. O sistema Polavision completo custa atualmente Cr$ 35 mil. À venda em S. Paulo no Mappin, pça. Ramos de Azevedo, 131; Fotoptica, r. Cons. Crispiniano, 49, e no

Carrefour, av. Nações Unidas, 4403. No Rio, na av. Erasmo Braga, 1111, 11.º; em Porto Alegre, em Feole Feoli, r. Cel. José Rodrigues Sobral, 117; em Florianópolis, na Vadel Makrins, r. Aracy Vaz Callado, 62; em Curitiba, na Colorama, r. Tibagi, 712; em Salvador, na Roque Pereira da Silva, r. dr. J. Seabra, 97, e em Campo Grande, r. Eng. Roberto Mange, 256.

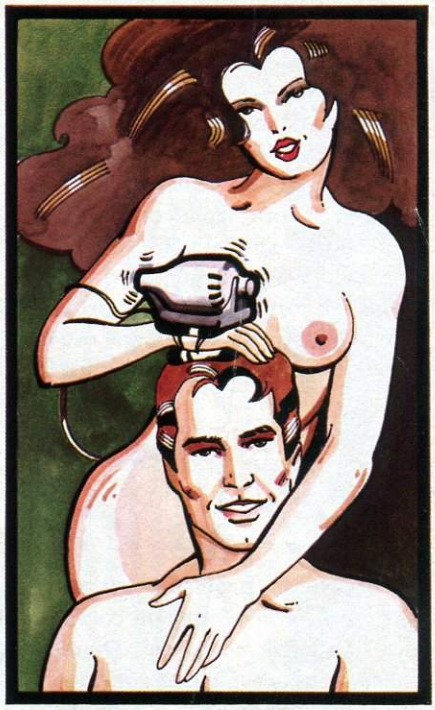
Curta esta casa sobre rodas

Ideal para viagens a lugares que não têm hotéis ou locais onde há mais gente que hotéis, o motor Home TSE é uma verdadeira "casa sobre rodas" Nela, você poderá ter o conforto de um hotel de várias estrelas ou, se preferir, as vantagens de um ambiente bastante informal. E, além disso, você poderá colocar a bordo do Motor Home TSE um bom time de garotas, para o que der e vier Montado num chassis Mercedes-Benz L 1513 motor Diesel, com capacidade para 15 toneladas, tem uma "sala de viagem" com acomodação para oito pessoas, envidraçada com vidros rayban ou fumê, bancos com amortecedores reguláveis e bar. O dormitório para casal tem armários embutidos e painel de controle na cama; a cozinha, armários embutidos de fórmica. Outros itens do equipamento: sonorização entre os ambientes, vídeo-teipe com circuito interno de TV, televisor colorido, alarme, barco de borracha, alçapões de ventilação com mosquiteiros, adega, ar condicionado e cortinas. Preço: Cr$ 6 000 000. Em exposição na r. do Manifesto, 2811, tel. 63-2312, São Paulo. Pegue sua garota e pé na estrada!



No pulso, o relógio que calcula

Trata-se do primeiro relógio fabricado no Brasil que permite, além de ver as horas, utilizar toda a variedade de funções de uma calculadora eletrônica. O relógio Citizen Quartz Calculador Científico trabalha com bateria que dura cerca de três anos, tem calendário e mostrador de cristal líquido. Sua calculadora faz as quatro operações, multiplica e divide constantes, tem memória, etc. Seu preço atual no mercado é de Cr$ 12 mil e em São Paulo pode ser comprado na Top Time (Shopping Center Iguatemi), na New Time (Shopping Center Ibirapuera), na Foto-Ótica Bella Center (av. Brigadeiro Luís Antônio, 1861); no Rio, na Globex (pça. Olavo Bilac, 28, s. 611); em Belo Horizonte, na Abram Kacowicz (r. Tupinambás, 360, cj. 1401); em Recife, na Lismar (r. 7 de Setembro, 328); em Porto Alegre, na Sorcol (r. dos Andradas, 1270).



Boas vibrações suecas

Quando seus músculos estão tensos como as cordas de um violão, nada melhor que uma boa massagem com vibrador sueco Pollenex. Entre alguns dos seus outros usos, há os das massagens no couro cabeludo ou nas mãos manicuradas, muito comuns em barbeiros. Outros modos — eróticos, por exemplo de empregar a versátil maquininha, ficam por conta de sua imaginação. Em São Paulo, o vibrador Pollenex pode ser encontrado na Importadora Adri (av. Faria Lima, 1191, loja R 19); na Casa Fretin, (rua São Bento, 176) e Ao Gaúcho (av. São João, 347). No Rio de Janeiro, nas importadoras do edifício Avenida Central, (av. Rio Branco, 151). O preço varia de Cr$ 3 800 a Cr$ 6 500.

Aprenda Fotografia e cinema Super-8

Cursos por correspondência Camera

Fotografia

Um curso extremamente dinâmico escrito por especialistas no assunto para você aprender os mais valiosos segredos da fotografia. Uma obra atual com numerosos testes e centenas de fotos e desenhos explicativos.

Os nossos professores analisarão pessoalmente as suas fotos e lhe darão todas as indicações necessárias.

E tudo sem sair de casa. Dois volumes impressos a cores e branco e preto que não podem faltar na sua biblioteca fotográfica.

Super-8

Este curso, único no Brasil, está escrito numa linguagem simples e agradável para que você aproveite ao máximo seu valioso equipamento de cinema. Você vai aprender todos os segredos de montagem, iluminação, focalização e zoon e os mais espetaculares truques cinematográficos. Sonorização e filmagem de títulos não serão mais nenhum mistério para você.

Um curso imprescindível para quem possue uma máquina de filmar. Grande oferta de lançamento.

INSCRIÇÕES: NA NOSSA SEDE– RUA AUREA, 65 VILA MARIANA – S. PAULO OU PELO CORREIO.
GRATIS: ESCREVA-NOS AINDA HOJE OU PREENCHA O CUPOM
ABAIXO E RECEBA GRATUITAMENTE UM FOLHETO INFORMATIVO DOS CURSOS CAMERA

Nikon School

CAMERA

CAMERA PHOTOAGENTUR
CAIXA POSTAL 22260 CEP 01000 SÃO PAULO, SP

Desejo receber o folheto do curso.....por correspondência

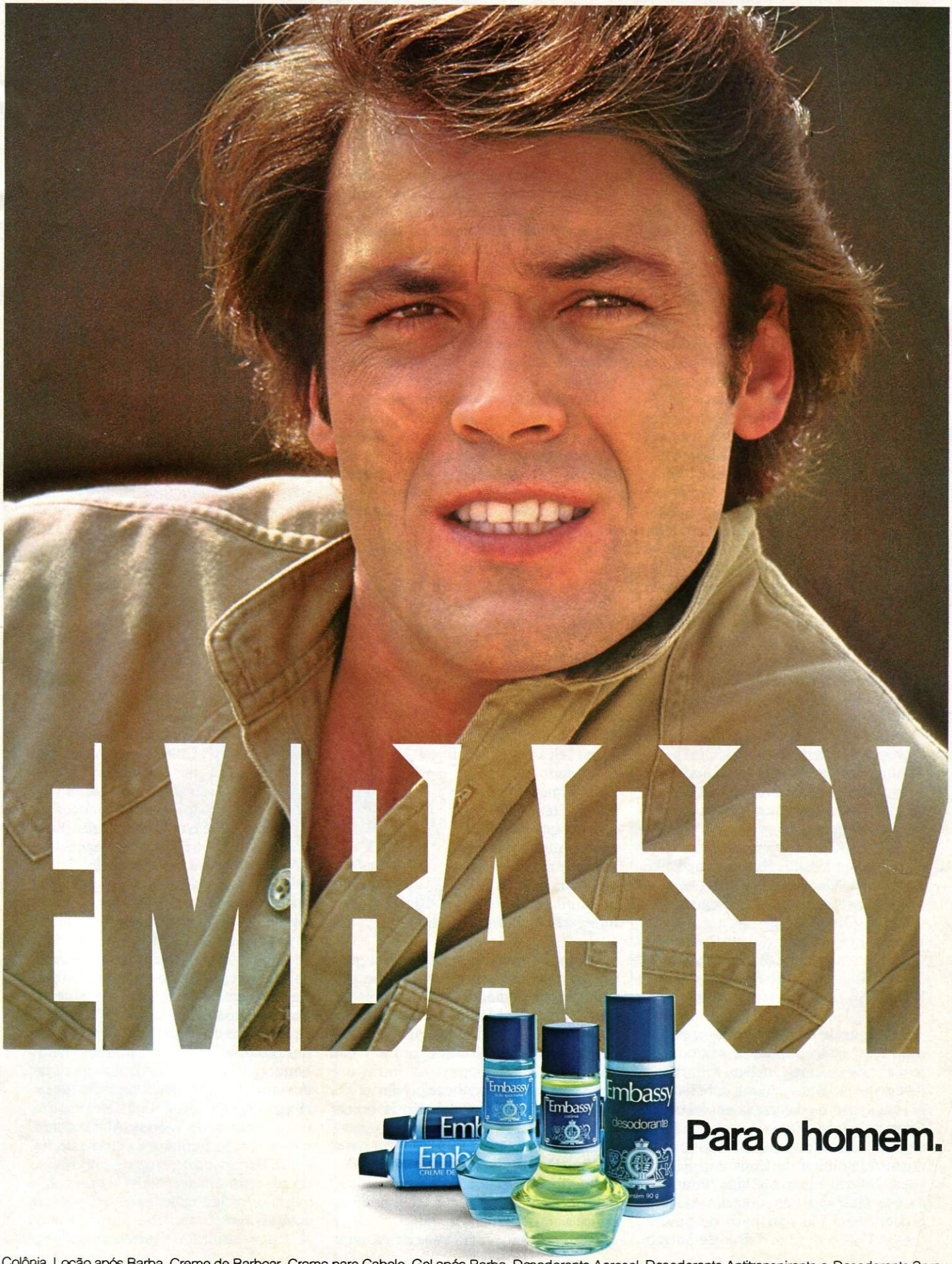
Nome.....

Rua.....N.º.....

Cidade.....CEP.....

Estado.....

PB-47


EMBASSY
Embassy
Embassy
Embassy
desodorante
Para o homem.
Colônia, Loção após Barba, Creme de Barbear, Creme para Cabelo, Gel após Barba, Desodorante Aerosol, Desodorante Antitranspirante e Desodorante Spray.

MÚSICA BRASILEIRA

Como desperdiçar a revelada sambista de *Manhã Brasileira,* em dueto com o catedrático Manacea? Ou a brejeira intérprete das malemolências de *Taboleiro* e do ancestral *Ai Yoyô?* Acima de tudo, Zezé Mota, neste disco, concentra sua latente negritude, conforme anuncia o título, que ficara dispersa em repertórios anteriores.

•

Um compositor novo que estréia já maduro, segundo as palavras de seu parceiro, o poeta Cacaso, na contracapa: Lourenço Baeta, carioca de 26 anos, também letrado neste primeiro disco por outros versejadores ilustres, o Aldir Blanc de *A Última Diligência* e *Cantos,* e o Sérgio Natureza de *Luz e Sombra, Entre Aspas* e *Vapor da Traição.* Baeta é um multinstrumentista (violão, piano, rabeca, flauta) consistente e acompanham-no outros músicos de igual calibre, como Antônio Adolfo (teclados), Édson Maciel (trombone), Fernando Leporace (baixo), Márcio Montarroyos (trumpete), Danilo Caymmi (flauta), etc.

•

Na mesma condição de estreante sem dívidas com a timidez artística, está a selvagem simplicidade de Marlui Miranda. Cearense de 29 anos, radicada longo tempo em Brasília, Marlui traz um natural acento indígena para a faixa universitária da MPB, expresso particularmente nas faixas *Estrela do Indaiá* e *Grupo Kraho* esta de letra sucinta, composição da tribo de índios Kraho: Rearerê/ de ke ke ke/ Padzo. Com sua voz crua — e o denso apoio instrumental do grupo de Egberto Gismonti — Marlui ainda viaja pelo nordeste de um trio inesquecível: Jararaca *(Do Pilar),* Zé do Norte *(Sodade, Meu Bem, Sodade)* e Volta Seca *(Acorda Maria Bonita).*

•

Mas a grata e explosiva surpresa do mês, fatal êxito popular e crítico, é a da carioca Fátima Guedes, suburbana de apenas 20 anos, e uma substanciosa bagagem de leituras, na faixa de Drummond, Mário de Andrade e Bandeira. Resultado: simplificando, uma mistura feminina de Lupicínio Rodrigues, Nelson idem e Chico Buarque, na contundência das imagens. Ouçam e confirmem (eu não paro de ouvir).

Tárik de Souza

CINEMA

DE VOLTA AO FAROESTE, A VERSÁTIL JANE FONDA LUTANDO CONTRA OS BOCEJOS DO PÚBLICO

Com os mesmos memoráveis intérpretes de seu sucesso na Broadway — Ellen Burstyn e Alan Alda a peça **Tudo Bem no Ano que Vem** *(Same Time, Next Year),* de Bernard Slade — que nos palcos brasileiros foi estrelada por Tarcísio Meira e Glória Menezes — chega agora às telas, sob a direção de Robert Mulligan.

A história começa em 1951, num hotel da Califórnia, onde Ellen Burstyn, uma dona-de-casa de 24 anos, conhece Alan Alda, um contador de 27 anos. Embora se declarem felizes em seus respectivos casamentos, eles se tornam amantes e combinam se encontrar, uma vez por ano, naquele mesmo hotel.

A fita acompanha esses encontros anuais dos dois, ao longo de vinte e tantos anos, durante os quais Alan Alda torna-se um bem-sucedido administrador, politicamente conservador. Ellen, por sua vez, torna-se uma mulher de negócios, avó, mas com inclinações *hippies.* E, durante todos esses anos, eles continuam se amando.

Jane e James Caan, num bang-bang ecológico.

O filme se mantém fiel ao texto da peça. É, portanto, teatro filmado, mas com bons atores e numa boa embalagem, contendo tudo aquilo que Hollywood julga poder interessar a adultos sofisticados.

•

Quando uma história é boa, por que não contá-la de novo? Assim devem ter raciocinado os produtores de **Um Passe de Mágica** *(Magic),* uma nova fita de terror (ou fantasia?) sobre o ventríloquo que é dominado por seu boneco.

Essa você já conhece? Não é de surpreender, pois a televisão já reprisou várias vezes o episódio que o brasileiro Alberto Cavalcanti dirigiu para o filme *Na Solidão da Noite* (1946), no qual Michael Redgrave é o ventríloquo atormentado por seu terrível boneco.

Nem por isso, *Um Passe de Mágica* deu crédito a esse precursor. Seu roteirista é William Goldman, autor do roteiro de Butch Cassidy mas desta vez ele só foi bem-sucedido na primeira meia hora do filme. O enredo se perde quando o herói Anthony Hopkins vai para o interior e se envolve com Ann Margret. A direção de Richard Attenborough também não ajuda muito: ele conduz a fita com o mesmo desinteresse com que comandou o desastre que foi *Uma Ponte Longe Demais.* Nem assustar, que é o mínimo que se pode exigir de um filme de terror, ele consegue.

•

Poucos se lembram que foi num faroeste, *Cat Ballou* (que no Brasil recebeu o lastimável título de *Dívida de Sangue),* que Jane Fonda conseguiu o seu primeiro grande sucesso. Agora, ela volta ao gênero em **Raízes da Ambição** *(Comes a Horseman),* de Alan Pakula. Trata-se de um faroeste ecológico. O verdadeiro astro da fita é um pedaço de terra verdejante no Colorado, ameaçado por um latifundiário.

Jason Robards (que foi o marido de Jane em *Julia)* é quem faz o vilão que ameaça Jane e seu marido James Caan, para forçá-los a vender sua terra. A história se passa logo após a Segunda Guerra Mundial.

O argumento, porém, é fraco: cada vez que a câmera se afasta das belas paisagens e se fixa nos desinteressantes personagens, o filme provoca bocejos. Por isso, apesar de todo atual prestígio de Jane Fonda, *Raízes da Ambição* foi um fracasso de bilheteria nos Estados Unidos. Tem, no entanto, duas qualidades indiscutíveis: uma fotografia excepcional (de Gordon Willis, o mesmo que fez *Interiores,* de Woody Allen) e uma interpretação humana e sincera de Richard Farnsworth, no papel de ajudante do casal no rancho. Não foi sem razão que ele foi indicado para o Oscar de coadjuvante.

Rubens Ewald F.º

LEITURA

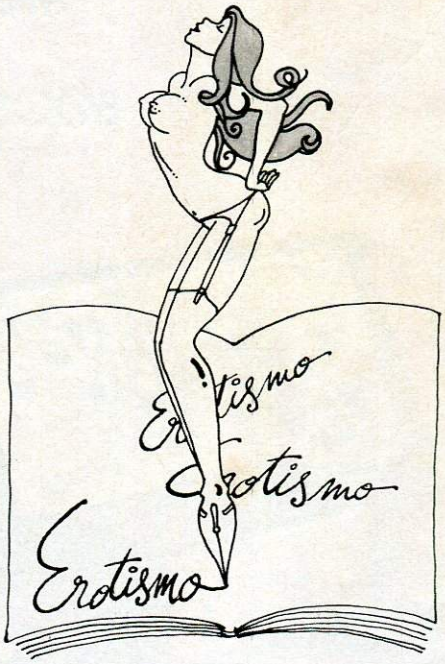
AS PÁGINAS MAIS ERÓTICAS DO ROMANCE BRASILEIRO (NÃO SÃO MUITAS), AGORA REUNIDAS NUM ÚNICO LIVRO

Ao contrário de outras literaturas mais experientes, mais escoladas, até mais safadas, a literatura brasileira praticamente ainda não descobriu o erotismo. Uma excelente maneira de constatar isso é **O Erotismo no Romance Brasileiro,** de Edilberto Coutinho (Nórdica). No volume, o organizador dessa colagem do sexo literário à brasileira selecionou o que lhe pareceu mais representativo no setor, relativo ao período 1930/1960. Assim, surgem autores dos mais variados estilos e tendências, da literatura realista de Adonias Filho e José Condé aos preciosismos de Dinah Silveira de Queirós e José Geraldo Vieira. O subromance de Gilberto Freyre ao lado do melhor Érico Veríssimo ou do superlativo Graciliano Ramos. O resultado? Dos trechos selecionados é possível perceber que o erotismo anda em falta na nossa literatura: nada menos erótico que a obviedade da *Dona Flor* de Jorge Amado ou das gélidas personagens incestuosas de Lúcio Cardoso; se há certas implicações eróticas nos trechos selecionados de *Ciranda de Pedra,* de Lygia Fagundes Telles (um triângulo amoroso pervertido e insinuações de lesbianismo), Marques Rebelo com *A Estrela Sobe* e Otávio de Faria com *O Senhor do Mundo* jogam baldes de água fria em qualquer entusiasmo nascente quanto ao erótico no nosso romance.

Talvez uma seleção mais ampla, que não se limitasse ao romance ou, pelo menos, a essa época, pudesse mudar a impressão causada por essa antologia. Nomes como Dalton Trevisan, Luís Vilela, Deonísio da Silva, Adelino Magalhães, Oswald de Andrade, entre outros, talvez pudessem mostrar que nossa produção erótica literária tem nível de exportação. *O Erotismo no Romance Brasileiro* é um primeiro esforço, porém,mais por culpa do romance e das características do período abordado que dos critérios do antologista, trata-se de um livro, digamos, impotente.

•

É o que não acontece com **O Professor de Desejo,** de Philip Roth (Francisco Alves). Não falta força vital e impulsos potentes à prosa de Philip Roth neste seu romance sobre o conflito entre o idealismo e o pecado, ou seja, entre a tentação sexual e o desejo da pureza. O professor do título é David Kepesh, cuja vida é revelada através de sua escalada sexual rumo ao ideal, passando por duas jovens suecas com quem faz um aprendizado de orgias em Londres, por uma complicada aventureira ex-amante de um misterioso magnata inglês, terminando enfim com uma refinada professora. Mas, no final do livro, Kepesh está inquieto, esperando o fim do seu caso com a professora. Quem conhece a obra de Roth lembra-se de que a continuação da história de Kepesh está em *O Seio:* sua obsessão sexual é tal que ele termina se transformando num



seio, metamorfose que Roth consegue narrar de forma exemplar.

•

Uma série de reedições invade as livrarias, algumas delas de interesse: **O Fiel e a Pedra,** de Osman Lins (Summus), um dos romances mais importantes da literatura brasileira recente, transposição da *Eneida,* o poema de Virgílio, para o chão nordestino, mostrando como um homem, Bernardo, enfrenta um despótico senhor rural, Nestor. Essa luta, um confronto entre Bem e Mal, é o núcleo do livro de Osman no qual se destaca ainda uma emocionante história de amor.

Primeiro Livro de Contos, de Dalton Trevisan (Record), é livro novo, mas os contos nele incluídos já saíram em outros volumes do autor. A novidade é que aqui a seleção é do próprio Dalton Trevisan. Para quem não conhece a obra do excelente contista, uma introdução fundamental. Para quem já a conhece, uma releitura de prazer garantido.

Desaparecimento da Aurora, de Joel Silveira (Cultura), foi editado em 1954 e 1962. Desde então, era impossível achar nas livrarias este romance do conhecido jornalista, em que o menino Jorge descobre o mundo, o sexo, a morte, a opressão paterna, o meio estagnado do campo nordestino. Na época do lançamento, foram muitos os elogios ao livro. Veja como são merecidos.

•

No setor dos livros descartáveis leia e jogue fora **À Hora do Café,** de Joana Fomm (Cultura) é uma das novidades. Joana Fomm, atriz de novelas, teatro e cinema, não é uma escritora totalmente descartável, porém neste livro de estréia fez contos na maioria das vezes descuidados na forma e sem maior profundidade nos personagens. Entretanto, suas histórias estão cheias de boas idéias, de lampejos de uma mente criativa. O livro vale por isso; que se dê uma chance a Joana Fomm para não incorrer em imagens de mau gosto e em diálogos infelizes num próximo livro, mais trabalhado do que *À Hora do Café.*

Tem Aquela do. ., de Chico Anísio (Rocco), é também um típico livro descartável: você se diverte enquanto lê as histórias incríveis do Chico, mas nada resta quando se chega ao fim. Se você quiser mais do que simples passatempo, leia **Carapau,** um ótimo romance do próprio Chico Anísio.

De Colombo a Kubitschek, de Eduardo Almeida Reis (Nova Fronteira), é uma visão descontraída de nossa história, através de crônicas cheias de humor, num livro proibido durante onze anos. Almeida Reis segue estritamente os fatos históricos, mas esses fatos são absurdos e surrealistas por si mesmos, como mostra o autor

Geraldo Galvão Ferraz

MÚSICA INTERNACIONAL

PREPARE-SE PARA UMA EXCÊNTRICA MAS INVENTIVA HOMENAGEM A NOVA YORK, NO SOM ATUALIZADO DO ROXY

Em matéria de excentricidade, nenhum grupo da terceira geração do rock inglês conseguiu superar o Roxy Music. Liderado pelo cantor/compositor Bryan Ferry (também conhecido como Mr. Frank Sinister e/ou o Edgar Allan Poe do Rock), o quinteto estourou em fins de 1971 com um som muito particular: uma síntese divertida de quase todos os estilos do pop e do rock com especial predileção pelo jazz decadente dos anos 40 e as baladas cafonas dos 50.

Por causa disso, ninguém esperava que o Roxy fosse durar muito. Isso porque, além de o grupo haver surgido na época em que todos os músicos de rock se julgavam *superstars* instantâneos, seu líder Ferry e o tecladista e "vanguardeiro" Brian (Peter Georg St. John Le Baptiste de La Salle) Eno viviam em constante conflito. Mas Eno caiu fora do Roxy depois do segundo LP e o grupo gravou mais quatro discos até se desintegrar em 76.

Bryan Ferry, o Edgar Allan Poe do rock.

Mas no final do ano passado, Ferry resolveu ressuscitar o Roxy transformando-o em septeto e logo entrou no estúdio de Ridge Farm para gravar novo LP, o ótimo **Manifesto** (gravadora Polygram). As dez faixas são uma grata homenagem a Nova York, tanto assim que, em vez dos lados A e B, o disco é dividido em "East Side" e "West Side" A maioria das canções traz a assinatura de Ferry e as restantes ele inventou em parceria com o saxofonista Andy Mackay e o guitarrista Phil Manzanera. Mas todas elas esbanjam invenção e o antigo som do grupo foi totalmente reciclado. Uma reciclagem que não despreza o balanço nem as texturas insinuantes dos sintetizadores. Aliás, Ferry, sempre excelente vocalista, soube captar muito bem todas as bossas surgidas nessa década para incorporá-las com muita inteligência nesse autêntico "manifesto" musical.

•

Quem gosta do mais moderno rhythm and blues que se faz nos EUA vai se esbaldar com muitas faixas contidas no álbum-duplo **Here, My Dear** (Top Tape) do sempre criativo cantor/compositor Marvin Gaye. Ausente dos estúdios há dois anos, Marvin (39 anos) volta com um álbum conceitual onde questiona o fim de seu casamento, sua recente falência (ele deve 2 milhões de dólares ao seu empresário) e a total inutilidade de trabalhar em um disco (o próprio *Here*. .) que lhe renderá uma ridícula porcentagem (apenas 5%).

Produzido pelo próprio Marvin, o LP é uma prova fulgurante de seu talento em lidar com uma luxuriante moldura construída por metais, cordas, sintetizadores, vibrafones, guitarras coaxantes e muita percussão. Tudo de um bom gosto de nos deixar de quatro, como provam as maravilhosas *Sparrow*, *Anna's Song*, *When Did You Stop Loving Me, Time to Get it Together* e outros funkíssimos petiscos.

•

Gravado em meados de 77, só agora chega até nós, via WEA, o ensandecido encontro dos exímios Larry Coryell (guitarrista) e Alphonse Mouzon (baterista). **Back Together Again** é o título desse petardo de jazz/rock, que apresenta os dois ex-fundadores do grupo Eleventh House num mergulho elétrico e pulsativo que parece não ter fim. Para aqueles que se acostumaram a ouvir Coryell dedilhando o violão acústico, o disco é uma surpresa, pois seus embates à guitarra elétrica são faiscantes e terríveis.

Ezequiel Neves

AUTOMATISMO CRIATIVO

MINOLTA XG-2

A Minolta criou uma câmara incrível. XG2. Totalmente eletrônica, pequena, leve, compacta. Com prioridade de abertura. Você escolhe o diafragma e o computador da XG2 escolhe a velocidade entre um segundo e 1/1000 seg. Você ganha liberdade para criar sempre melhores fotos com o "auto-winder". Você pode ter duas fotos por segundo e com o flash Auto 200x você faz sequências mesmo no escuro.

Seja criativo, compre uma

MINOLTA XG-2

Para conhecer a Coroa Twinlock você não precisa descer num submarino.

Com a invenção da Coroa Twinlock e com a fabricação exclusiva da Caixa Oyster, repercutiu mundialmente, há quase meio século, o nome Rolex. A Coroa Twinlock Rolex é rosqueada na Caixa Oyster, dando-lhe perfeita impermeabilidade.
Ela se fecha sobre a caixa como uma escotilha de submarino - uma garantia Rolex incomparável.
A caixa em si é forjada de um só bloco maciço de aço inoxidável ou de ouro.

A máquina é um cronômetro oficialmente controlado em 5 posições e 3 temperaturas diferentes.

Seu mecanismo automático é o Rotor Perpetual, outra invenção Rolex, hoje adotada por toda a indústria relojoeira suíça. Qualidade e integridade são as normas estritas seguidas na fabricação de cada Rolex, uma fabricação individual.

Rolex tem produção limitada. Não é de estranhar que tantos homens de projeção e tantas figuras ilustres usem Rolex. Do mesmo modo, diversas marinhas nacionais se prevalecem desses trunfos de fabricação.

E todos esses detalhes provam uma coisa muito importante:

Sua eficiência é para ser posta à prova por toda uma vida.

Como uma escotilha de submarino.

ROLEX
Genève

Relógios Rolex Ltda Representação e Assistência Técnica: Av. Paulista, 2006 14º andar (Em frente ao Conjunto Nacional) - São Paulo

PLAYBOY ENTREVISTA

TONY RAMOS

Uma conversa franca (e íntima) sobre mulheres, sucesso e política com o jovem ator que se tornou um dos mais populares galãs da TV brasileira

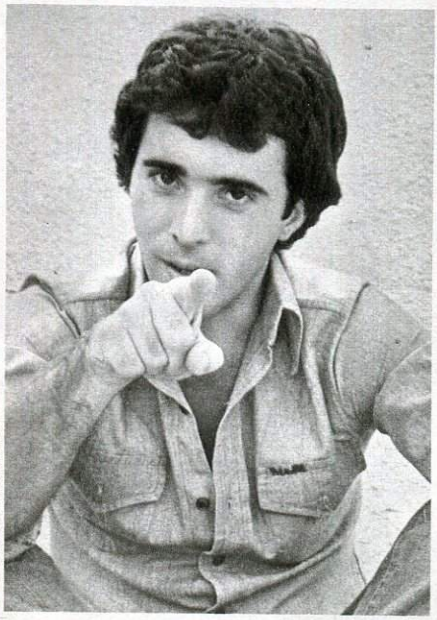
Talvez ninguém se lembre muito bem daquele ator com jeito de menino desprotegido, que trabalhou — ao lado de nomes famosos como Sérgio Cardoso e Juca de Oliveira — nas primeiras grandes telenovelas brasileiras de sucesso, como Antônio Maria *e* Nino, o Italianinho. *Afinal, apesar de, na época, já ser um ator com muitos anos de experiência na TV Tupi, ele ainda não era nenhum nome consagrado, ninguém que fosse reconhecido e perseguido pelas fãs no meio da rua. Mas hoje, depois de dois grandes sucessos como personagem principal em* O Astro *e* Pai Herói *— novelas que foram recordistas de audiência na televisão brasileira —, o paranaense (nasceu em Arapongas, mas seus pais o trouxeram para São Paulo quando estava com meses de idade) Tony Ramos — cujo verdadeiro nome é Antônio Carvalho Barbosa — foi elevado à categoria de ídolo nacional.*

O menino que jogava peladas nas várzeas e ruas de Vila Maria ainda não se acostumou com o sucesso repentino e com o assédio permanente das fãs em todos os lugares por onde passa. Mas admite que gosta das manifestações de carinho que recebe, principalmente quando vêm das pessoas humildes e espontâneas que enxergam no ídolo a materialização de seus sonhos e angústias. E também, ao contrário de muitos de seus companheiros, não faz mistério sobre as coisas de sua vida ou de sua família.

Com 31 anos de idade, está casado há dez com Lidiane — colega de bairro e dos tempos de colégio — e é pai de dois filhos, Rodrigo e Andréia, por quem tem verdadeira adoração.

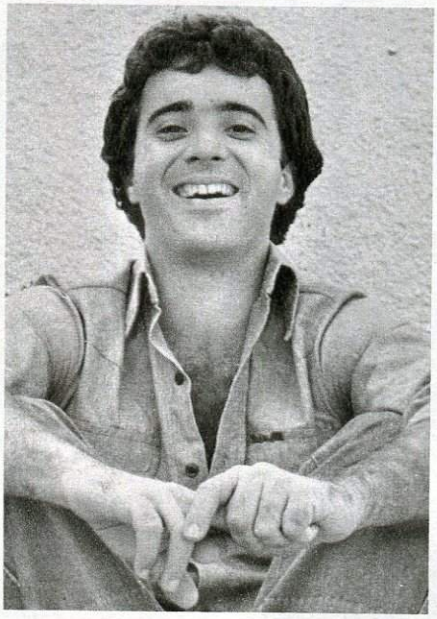
Para mostrar o que pensa e quem é esse ídolo que faz as mocinhas suspirarem quando aparece — mas que é um homem absolutamente "comum", do ponto de vista estético, com 1,75 m e olhos castanhos iguais aos da maioria dos homens brasileiros —, o repórter Marco Aurélio Borba, de PLAYBOY, *acompanhou-o durante uma semana, vendo-o apresentar um festival de música em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, assistindo-o gravar capítulos da novela* Pai Herói, *nos estúdios da TV Globo, no Rio, e observando-o na intimidade de seu apartamento carioca, na convivência com a esposa e os filhos.*

Durante todo esse tempo, Tony Ramos mostrou-se por inteiro, falando com franqueza e espontaneidade de seus grilos e suas angústias. Mostrou-se paciente e atencioso para com todas as fãs que tentaram agarrá-lo e beijá-lo à saída do aeroporto de Campo Grande; atendeu com solicitude e carinho às humildes arrumadeiras do hotel que lhe pediram, encabuladas, a oportunidade de serem fotografadas a seu lado. Mas, ao mesmo tempo, não escondeu a irritação diante da paparicação que sofreu por parte de um milionário mato-grossense que, a pretexto de convidá-lo para um almoço em sua suntuosa casa de campo, só queria, na verdade, exibi-lo para seus

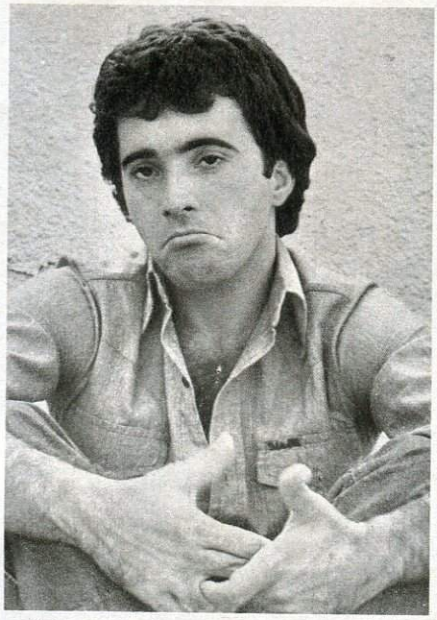


FOTOS GILSON BARRETO

"Se uma revolução quer criar algo novo, tem de criar a liberdade, acompanhada de uma nova responsabilidade. Essa responsabilidade é também a de não encher o saco do próximo."



"Sabia que poderia me abrir numa entrevista para PLAYBOY, porque é uma revista séria, que, por exemplo, publica Miguel Arraes, mostrando-o a uma geração que não o conhecia."



"A profissão de ator é feita de castelos de areia: assoprou, caiu. A gente ganha tapinhas e mais tapinhas nas costas nos dias de sol; e pontapés no rabo em dias nublados."

convidados e, finalmente, também se deixar fotografar a seu lado, certamente para enriquecer uma galeria de fotos de personalidades conhecidas que, com duvidoso gosto, enfeita as paredes de uma das salas.

Religioso como qualquer brasileiro, se benzeu sempre durante os pousos e decolagens dos aviões; indignado também como qualquer brasileiro comum —, protestou aos palavrões contra o atraso dos vôos. No estúdio, durante as gravações, brincou sempre com todos dos companheiros mais famosos aos funcionários mais humildes —, contando piadas e dizendo palavrões. Enfim, mostrando-se bem diferente da imagem de "moço bonzinho" que a televisão nos mostra diariamente. Ao final da entrevista, e depois de confessar que nem sempre as vacas foram gordas para ele ("houve tempos, na Tupi, em que só consegui sobreviver graças aos cartões de crédito"), o famoso Tony Ramos, ídolo nacional, admitiu que esta foi a primeira vez que ele falou livremente para um jornalista: "Não sei por que, mas há uma crença generalizada de que os mocinhos da TV são burros e vazios, não têm nada pra dizer além do que está nos scripts. *Eu acho que tenho e que devo dizer" A seguir, o que ele tem a dizer.*

PLAYBOY Há uma crença generalizada entre o público de que os astros da televisão brasileira ganham verdadeiras fortunas em salários. Quanto ganha um galã famoso como você?

TONY RAMOS — Eu ganhava 25 mil cruzeiros na Tupi, quando fui para a Globo, em abril de 1977, ganhando 40 mil. Atualmente ganho 80 mil.

PLAYBOY — Então, basicamente foi por dinheiro que você passou para a Globo, depois de ter trabalhado quatorze anos na Tupi?

TONY RAMOS — Eu tinha mil razões. Desespero, vontade de fazer coisas novas, que na Tupi eu não tinha condições de fazer e também não nego que eu queria começar a receber meu salário em dia. Aí você poderia argumentar que eu poderia ter ficado e brigado por tudo isso. Mas, se eu tinha uma outra emissora me querendo, por que não ganhar um pouco mais, recebendo em dia e sem precisar brigar? Eu tenho mulher e dois filhos.

PLAYBOY — Assim, o dinheiro não foi o único fator, mas foi um fator importante, não?

TONY — Você tem de ganhar dinheiro para viver. Meu salário não é suficiente para deixar ninguém rico. Sou obrigado a fazer coisas paralelas.

PLAYBOY Publicidade, apresentar festivais, bailes de debutantes?

TONY Esse tipo de coisas

PLAYBOY Durante um único fim de semana em Campo Grande você ganhou mais de 100 mil cruzeiros para ser o apresentador de um festival de música popular e fazer um comercial de televisão para uma firma local.

TONY — Estou comprando um apartamento no Rio, tenho de pagar as prestações. e também ainda não terminei de pagar meu carro

PLAYBOY — Um Mercedes?

TONY — Não, uma Belina. Comprada a prestações. Por isso muitas vezes eu rezo para me aparecer um convite para um trabalho extra qualquer.

PLAYBOY E como você se sente sabendo que atores experientes e veteranos ganham menos? Mário Lago, por exemplo, ganha só 40 mil cruzeiros por mês — você o conhece, não?

"Sei que há atores melhores que eu, ganhando menos. Mas também sei que, de repente, posso ficar desempregado"

TONY — Claro que conheço e posso lhe garantir que minhas relações com ele são da maior fraternidade. Nossa atitude é a de estarmos atentos para isso. Você citou Mário Lago, mas há outros grandes atores que ganham salários apenas medianos. Estamos sempre discutindo isso abertamente, sem mágoas e sem ninguém jogar na cara de ninguém: "Você ganha mais do que eu e não merece". Você jamais ouvirá isso de um grande ator, jamais. Muitos pensam que existe uma grande competição entre os atores, um querendo comer o outro. Isso é mentira, sabe? Os atores, hoje, já estão indo mais ao sindicato, já estão discutindo mais a sua profissão, já estão mais atentos ao problema de salários. Mas ninguém pede rios de dinheiro. Talvez até devêssemos pedir, sabe? Mas só pedimos uma parte do bolo.

PLAYBOY — Toda vez que queremos descobrir os salários dos artistas de televisão eles se esquivam. Por quê?

TONY Eu mesmo sinto pudor de falar sobre isso. No meu caso, é que fico pensando: poxa, tem tanta gente ganhando menos que eu. Mas não posso raciocinar assim, tenho é de entender que esses que ganham menos deveriam ganhar mais. Esta é que é a solução certa e não eu diminuir de salário.

PLAYBOY Você já sentiu constrangimento por sentir que ganha mais do que atores que são melhores do que você?

TONY Agora mesmo eu sinto um pouco isso. Mas eu não me freio, eu falo o que penso. É que sou muito cético em relação ao sucesso. Sempre penso que, de repente, eu posso ficar desempregado e aí vou precisar ter algum dinheiro de reserva. Acho também que, antes de mais nada, não devo nunca me deslumbrar, devo é estar sempre preparado para as dificuldades de minha profissão. Nada veio de graça para mim. Trabalhei e estudei muito até chegar onde estou.

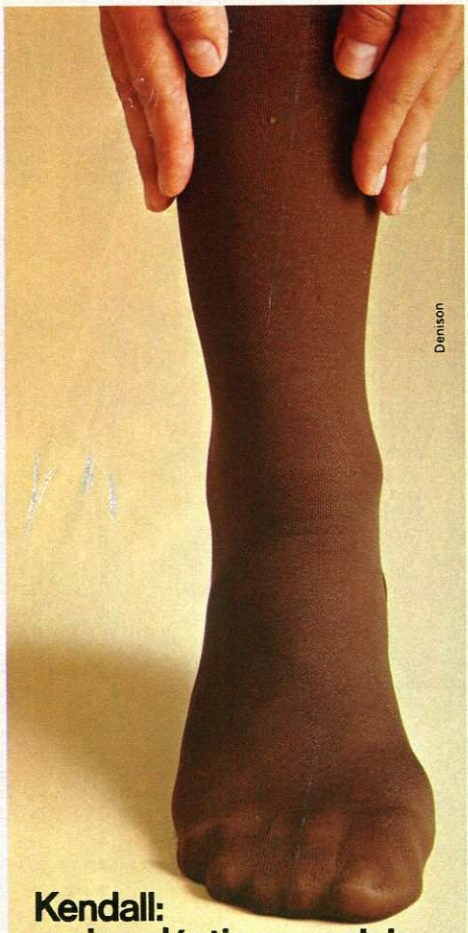
PLAYBOY — Como você começou?

TONY Comecei fazendo teatro amador, em São Paulo, aos 14 anos. No mesmo ano me inscrevi num programa que existia na TV Tupi paulista, chamado *Novos em Foco,* produzido e dirigido por Ribeiro Filho. Foi ele quem me descobriu e me lançou profissionalmente. Um dia eu me apresentei a ele, na emissora. Olhou pra mim e disse: "Você é muito pequeno ainda, garoto, mas, como meu programa é pra revelar novos valores, vamos tentar" Depois de fazer um teste comigo, Ribeiro Filho me apresentou ao Cassiano Gabus Mendes, que ia começar a dirigir uma novela de Geraldo Vietri e precisava de um ator de minha idade para um papel. Cassiano me perguntou se eu queria o tal papel e é claro que eu queria. Foi assim que eu comecei.

PLAYBOY — E quem convenceu você de que tinha mesmo vocação para representar?

TONY — Várias pessoas me convenceram disso. Pessoas como o Juca de Oliveira, Lima Duarte e Sérgio Cardoso, que uma vez me disse uma coisa que passei a carregar comigo, como uma espécie de lema. Foi quando trabalhei com ele na novela *Antônio Maria,* em 1968. Um dia ele me disse: "Olha aqui, rapaz, o teu caminho é muito bonito nesta profissão; faça-o com dignidade, como você tem feito até agora, que você vai chegar lá"

PLAYBOY E antes de começar a carreira de ator? Como foi a sua vida antes dos 14 anos?



Kendall:
meias elásticas sociais para homens que têm ou ainda não têm varizes.

A Kendall tem meias elásticas masculinas com a mesma elegância de uma meia social, em dois níveis de compressão:
SUAVE COMPRESSÃO - para quem tem propensão a varizes, tais como: dores, inchaço e peso nas pernas; ou para evitar varizes em pessoas que permanecem longos períodos em pé ou sentadas.
ALTA COMPRESSÃO - para casos acentuados de varizes.
As Meias Elásticas Kendall são confortáveis e dão a pressão correta e necessária a cada região da perna, acelerando o fluxo sangüíneo, evitando dores, o cansaço e o aparecimento ou agravamento das varizes. Disponíveis nas cores preta e marrom.

KENDALL

ENTREVISTA **TONY RAMOS**

TONY Eu era filho de uma professora primária e de um vendedor que fazia de tudo para tentar ter algum. Quando meus pais se separaram eu conheci os problemas da falta de dinheiro. Morávamos em Vila Maria, na periferia de São Paulo. Cresci jogando bola de pé no chão, nas ruas sem asfalto, nos terrenos baldios.

PLAYBOY Infância de menino pobre.

TONY — Não. Soa meio falso dizer que fui um menino pobre. Como é que eu posso me situar? Você talvez possa [*risada*]. Veja bem minha mãe era professora primária.

PLAYBOY — Isso diz tudo?

TONY Não sei se isso é ser pobre ou não. Em 1955, quando minha mãe se desquitou, ganhava 1 800 cruzeiros por mês. cruzeiros velhos. Meus tios, os dois irmãos mais velhos dela, ajudavam nas despesas da casa.

PLAYBOY Você era filho único?

TONY — Era. Só vim a ter uma irmã bem depois, quando minha mãe se casou novamente. Então, seria meio desonesto eu dizer que fui um menino pobre, porque pobres de verdade são esses garotos que estendem a mão para a gente nas ruas, vendo a ostentação passar ao lado deles e eles descalços, com os olhos brancos de fome. Se eu afirmasse aqui que fui um garoto pobre estaria fazendo pieguice. Não, fui só um garoto da classe média batalhadora, é isso aí.

PLAYBOY Você sentia muito a ausência de seu pai?

TONY Sentia. Meus tios foram meus pais substitutos, eles eram pessoas incríveis, vinham conversar comigo, traziam presentes, queriam saber da minha vida. e eu ia tocando meu barco, tentando não ter crises, não ter dramas, mas, no fundo, eu tinha sim. Sentia falta da mão do pai, daquele "vamos conversar de homem pra homem", enfim, sentia falta do calor que hoje eu dou para meus filhos.

PLAYBOY — Você vê sempre seu pai?

TONY Não, porque ele mora bastante longe de São Paulo. Mas não é porque não o queira ver, e sim por falta de oportunidade.

PLAYBOY — O que você sente por ele?

TONY Sinto uma vontade enorme de conhecê-lo melhor, de saber o que vou poder sentir por ele.

PLAYBOY Você sente amor por ele?

TONY — É, eu acho um pouco duro dizer que não sinto amor. Como é que não sinto amor se eu me emociono quando penso nele?

PLAYBOY De certa forma, você não substitui seu pai por outro, por seu padrasto?

TONY Não fui eu quem o substituiu: ele é que conseguiu ser substituído.

PLAYBOY — Ele não sente orgulho de ser seu pai?

TONY — Sente sim. Sente porque ele já me disse isso, e me emocionou muito quando disse.

PLAYBOY — Seus filhos o conhecem?

TONY [*longa pausa*] Não conhecem, mas eu acho isso péssimo, e eles vão conhecer. Mas eles sabem que meu pai existe, já conversei com eles sobre isso.

PLAYBOY — Teu pai também tem filhos do outro casamento?

TONY — Tem.

PLAYBOY — Então são teus irmãos, também. No entanto, você respondeu que só tinha uma irmã.

"Conheci muita dureza, mas seria falso dizer que tive infância pobre. Fui da classe batalhadora, só isso"

TONY [*pausa*] Ih. , mas é claro que são meus irmãos. Acho que respondi aquilo porque a minha vivência maior é com minha mãe. Mas como eu te disse, esse é um departamento da vida que eu ainda estou tentando arrumar

PLAYBOY Quando você começou a ganhar dinheiro, qual foi a primeira coisa que quis comprar?

TONY Uma casa. Sempre moramos em casa alugada. Só recentemente, há uns quatro anos, minha mãe e meu padrasto compraram um apartamento, financiado pela Caixa Econômica. Mas sempre sonhamos em ter uma casa nossa e eu cresci fazendo disso a meta principal de minha vida. Mas só em 1974, quando fiz uma novela na Tupi chamada *Ídolo de Pano,* consegui um aumento de salário que me permitia arcar com a dívida da compra de uma casa. Talvez, se nós fôssemos sozinhos, eu e minha mulher, se não tivéssemos filhos, eu não me preocupasse tanto em comprar ca-

sa, mas é aquela coisa do instinto tribal, você quer dar um teto para os seus filhos, não é?

PLAYBOY Com que idade você descobriu o sexo?

TONY Lembro-me de que, quando eu tinha uns 14 ou 15 anos, pouco antes do segundo casamento de minha mãe, a minha avó, coitada, algumas vezes tentava fazer o papel de meu pai e me perguntou um dia: "Você já já teve alguma experiência com mulher?" E eu respondi a ela: "Não sei, vovó, não sei" E não sabia mesmo: sexo era uma coisa que ainda não havia aparecido para mim. Sabe? Antigamente eu não contaria essas coisas a você, mas hoje não há problema, eu já me conheço bem.

PLAYBOY Então, até aquela idade você ainda não tinha descoberto o sexo?

TONY — Só dentro de minha cabeça, mas nem sequer me masturbava, nem isso eu havia conhecido.

PLAYBOY Não mesmo?!

TONY — Não. Por quê? Talvez porque eu não tinha um pai, um homem que me explicasse o que era sexo. E eu tinha muito receio, muito mesmo, não sabia o que era aquela excitação que às vezes eu sentia, por exemplo, quando via uma mulher bonita no cinema. Só depois daquela conversa com a minha avó eu comecei a fazer perguntas a meus tios sobre o assunto. Então o meu tio mais velho me disse que, quando chegasse a hora, eu falasse com ele, que ele me levaria na zona. Mas nunca me levou.

PLAYBOY — Mas quem iria decidir que essa "hora" era chegada?

TONY Aí é que está. eu é que não saberia decidir. Mas não acho que eu tenha sido um caso único. Toda uma geração aí cresceu oprimida pelos tabus. é pecado pensar nisso, é pecado fazer aquilo, é pecado ir além de beijinhos com a namorada, é pecado não sei o quê! Ainda hoje esses tabus continuam existindo. Acredito que muitos jovens ainda hoje, em pleno final do século XX, o homem desembarcando na Lua, carros de Fórmula 1 andando a quase 400 quilômetros por hora, e mesmo assim muitos jovens permanecem sem resposta para essas perguntas. As minhas respostas eu fui encontrando sozinho, com o passar do tempo.

PLAYBOY — Você acha que falando sobre isso e sendo uma pessoa conhecida — estará ajudando esses jovens a encontrar esse tipo de respostas?

TONY É claro. Daí ter aceito uma entrevista com esse nível de franqueza. Eu não quero ficar tagarelando como se fosse dono da verdade, não quero nunca que, ao ler esta entrevista, o leitor escreva para vocês dizendo: Ah, que rapaz bonzinho, que homem não sei o quê. Não é nada disso. Simplesmente, cada um tem o seu temperamento. Eu, por exemplo, não tenho instinto dom-juanesco: quando amo uma pessoa, amo só essa pessoa, a minha mulher, que amo há dez anos. O problema maior é que muitas pessoas esperam que você se defina segundo um padrão standard. essas pessoas talvez esperem que eu dê sobre mim informações sensacionalistas.

PLAYBOY — Informações que nada têm a ver com você?

TONY — É [*risada*] numa boa. Talvez eu devesse dizer: "Não, eu me masturbei, eu fiz isso, fiz aquilo" Mas prefiro ser honesto.

PLAYBOY Você já falou de sua infância até os 14 ou 15 anos. E, depois, como foi? Fale de sua primeira experiência sexual.

"Senti muita falta de um pai que me dissesse o que era sexo. Quem primeiro me falou sobre isso foi minha avó"

TONY [*após uma longa pausa*] A primeira foi com uma profissional. Eu tinha, sei lá, uns 16 anos. E havia um problema que hoje, sei, é uma coisa insignificante e comum, mas na época era um drama terrível pra mim. É o seguinte: eu tinha um problema de fimose, que tornava muito dolorosa para mim a relação sexual. Mas sem um pai que me orientasse, não soube como resolver essa dificuldade até os 19 anos. Foi quando resolvi casar e consultei um médico. Ele falou: "isso aí é uma coisa sem importância, que a gente resolve com uma cirurgia" E resolveu mesmo.

PLAYBOY — E suas primeiras namoradas?

TONY — Foram namorinhos sem nada de especial. Sem aquele clic esse clic eu tive foi com a minha mulher. Foi uma coisa bonita, rapaz

PLAYBOY Foi um clic inesperado ou vocês já se conheciam?

TONY — Foi inesperado. Numa festa no colégio em que estudávamos. Ela estudava à tarde e eu à noite, porque trabalhava durante o dia. Por isso não havíamos nos encontrado antes.

PLAYBOY Que idade você tinha?

TONY — Dezoito, dezenove anos.

PLAYBOY Ela sabia que você era Tony Ramos, o ator?

TONY — Eu ainda era desconhecido, ainda não tinha nome algum. E além disso ela não costumava assistir às novelas da TV Tupi, onde eu trabalhava. Puxei conversa com ela, na festa, mas não deu a menor impressão de estar correspondendo. Perguntei se queria se encontrar comigo, na semana seguinte. "Por quê?", disse ela. Senti aquele gelo, mas não desisti. Fui procurá-la à saída das aulas. E falei, assim sem mais nem menos: "Você quer namorar comigo?" Ela levou o maior susto, ficou olhando pra mim, "esse cara deve ser maluco", deve ter pensado

PLAYBOY — Ela é mais nova do que você?

TONY — Dois anos e meio. Tinha dezesseis anos, quando começamos a namorar. E nunca tinha beijado um homem. Mas foi um negócio muito legal, eu comecei a conhecer uma criatura realmente legal, uma pessoa inteligente, sensível, amiga. Alguém que também queria conhecer alguém que a entendesse, ela que também era filha de pais desquitados. De repente as coisas foram se juntando, ela se abrindo, eu me abrindo e começou a nossa vida de namoro, namoro tradicional, a gente ficou noivo mesmo, eu respeitava as regras todas, a gente tinha vontade de se morder mas havia todo um bloqueio, porque fomos criados assim, ela foi, eu fui.

PLAYBOY — Não passava dos simples beijinhos?

TONY Passava, é claro. Tinha também os abraços, os amassos, os apertos e a gente ficava maluco um pelo outro. Uma maluquice bonita, rapaz, que os tabus cerceavam. .

PLAYBOY Agora, passemos ao capítulo seguinte.

TONY — Eu sempre pensei em me casar cedo, eu queria formar família cedo, queria curtir filhos, sempre gostei de ter crianças comigo. E a gente então decidiu: daqui a um ano e meio a gente se casa. Duros, sem um tostão. Mas aluguei uma casa na Aclimação, me virava na Tupi, dublava filmes para a televisão, fazia teatro. Logo ela ficou grávida e aí começou um novo caminho em minha vida, que

O futuro já passou

*Quando o futuro chegar para os outros, vai encontrar pronto o novo sintonizador TP 401 Polyvox * com circuitos integrados MSI.*
De fato, sua expressão tecnológica ultrapassa qualquer expectativa.
Circuito de controle automático de frequência para uma recepção FM sempre estável; 2 indicadores de sintonia, um para medir intensidade de sinal e outro para mostrar exatamente o centro de canal em FM.
Resultado: mínima distorção e máxima separação dos canais em stereo, num projeto com a marca Made in Brasil do Laboratório Técnico Polyvox.

Amplificador AP 3070 e AP 3100. Os mesmos adjetivos de qualidade, com diferentes especificações.
Potência de 70 e 100W (IHF) respectivamente; filtros de graves e agudos, mais o Loudness que compensa a audição sonora quando o aparelho está operando em baixo volume.
Entrada frontal para microfone com Mixing. Você ouve o som de um sintonizador ou gravador e ao mesmo tempo usa o microfone para improvisar o que quiser.
Aliás, através do Tape Monitor podem ser acoplados dois gravadores, com a vantagem de se poder "passar" a gravação de um para o outro, com monitoração.
Pureza maior, impossível.

Lembramos que as alças Rack são opcionais. Em tudo a escolha é sua. O que não muda é o padrão de qualidade e a tecnologia Made in Brasil desenvolvida pela Polyvox para você ter o som modular que espera o futuro.

TECNOLOGIA
MADE IN BRASIL

gente de casa

* Produzido na Zona Franca de Manaus

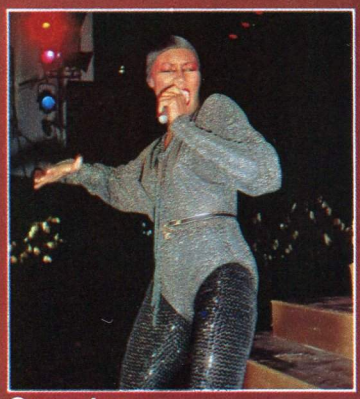
POLYVOX
é sempre bom ouvir esse nome

BRAHMA EXTRA

Nós não apressamos a natureza para fazer Brahma Extra chegar às suas mãos. Brahma Extra é uma cerveja especial, nascida do equilíbrio que a Brahma estabelece entre os mais selecionados ingredientes naturais. Cabe ao tempo dar o toque final. E a natureza não dá saltos. Assim é Brahma Extra.

ELAS EXCITAM AS DISCOTECAS

Pela primeira vez, na intimidade, o que estas cantoras têm, além das vozes provocantes que fazem você dançar



Grace Jones

Rabo de Saia

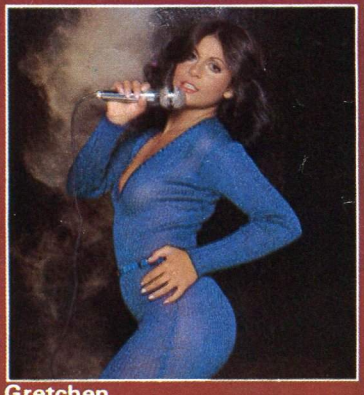
Lilian

Flower

Amanda Lear

Madleen Kane

Discoteca é, antes de tudo, um lugar sexy. As luzes, a música delirante, os dançarinos que imitam as mais variadas posições sexuais, tudo se combina para criar a mais excitante das atmosferas. E quando nelas surge a voz provocante de uma cantora. Nesta e nas páginas seguintes, as principais estrelas brasileiras e internacionais, que fazem aquele som que arrepia . .



Gretchen

FOTO/PLAYBOY

Madleen Kane (na foto à esquerda) nasceu na Suécia e tem aquela vocação sexy por natureza, como sua compatriota Ursula Andress. Ela desistiu de uma bem-sucedida carreira de modelo para virar cantora e excitar as discotecas. Muito popular em toda a Europa, agora ela começa a conquistar os Estados Unidos e o resto das Américas. Seu primeiro LP, *Rough Diamond (Diamante Bruto)*, inclui — na música-título — os versos: "Sou apenas um diamante bruto/ Preciso de seu amor para me lapidar". Quem se habilita a esse precioso e gratificante trabalho de ourives enamorado?

Vocês se lembram da dupla Leno e Lilian dos tempos da Jovem Guarda? Pois é, agora aquela Lilian (à direita) canta sozinha e deu certo. Seu compacto *Sou Rebelde*, gravado em agosto de 78, já ganhou o Disco de Ouro, vendendo mais de 500 mil cópias. Lilian tem outro compacto que a RCA considera um sucesso em potencial para 79, com *Hoje e Amanhã* e *Uma Música Lenta*. Na foto abaixo, Flower, a cantora americana que começou sua carreira como a garota da capa de um disco pop. Foi tanto o êxito, que alguém teve idéia de lançar um disco com ela cantando. O resto é história.

FOTO/MARCIA RAMALHO

FOTO/PLAYBOY

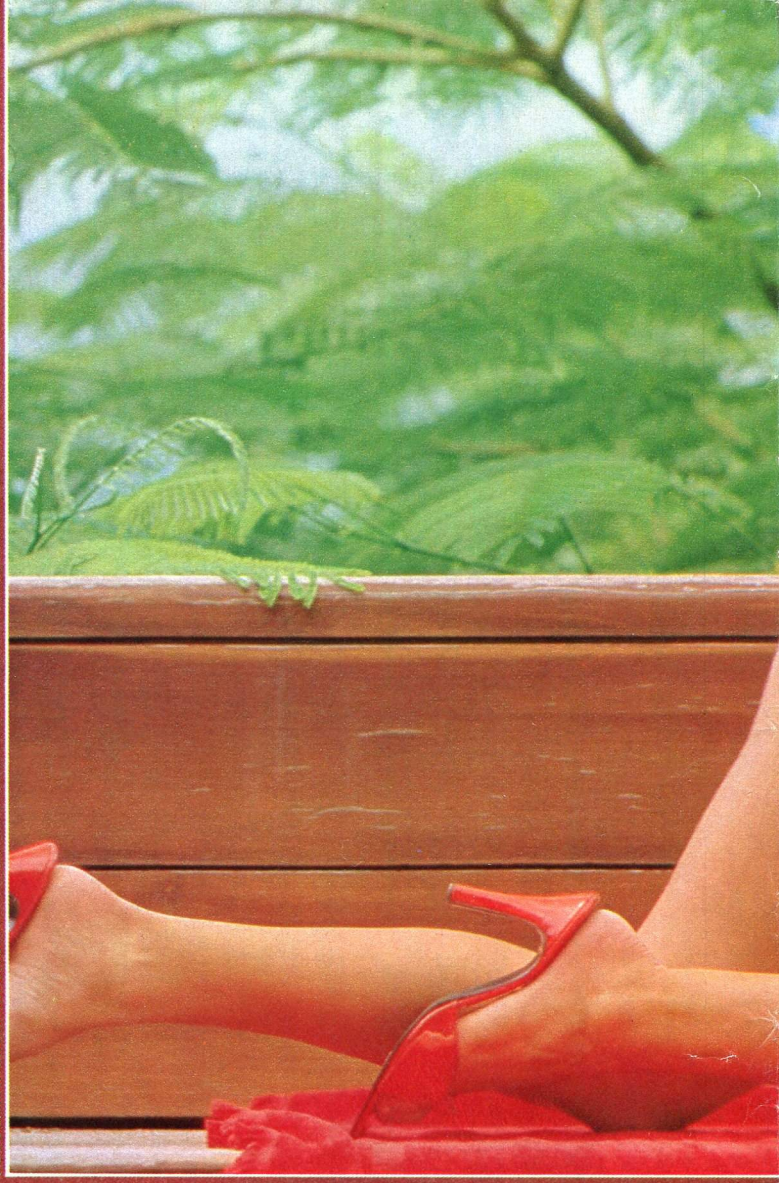
FOTO/PLAYBOY

Madleen Kane (na foto à esquerda) nasceu na Suécia e tem aquela vocação sexy por natureza, como sua compatriota Ursula Andress. Ela desistiu de uma bem-sucedida carreira de modelo para virar cantora e excitar as discotecas. Muito popular em toda a Europa, agora ela começa a conquistar os Estados Unidos e o resto das Américas. Seu primeiro LP, *Rough Diamond (Diamante Bruto),* inclui — na música-título — os versos: "Sou apenas um diamante bruto/ Preciso de seu amor para me lapidar". Quem se habilita a esse precioso e gratificante trabalho de ourives enamorado?

Vocês se lembram da dupla Leno e Lilian dos tempos da Jovem Guarda? Pois é, agora aquela Lilian (à direita) canta sozinha e deu certo. Seu compacto *Sou Rebelde,* gravado em agosto de 78, já ganhou o Disco de Ouro, vendendo mais de 500 mil cópias. Lilian tem outro compacto que a RCA considera um sucesso em potencial para 79, com *Hoje e Amanhã* e *Uma Música Lenta.* Na foto abaixo, Flower, a cantora americana que começou sua carreira como a garota da capa de um disco pop. Foi tanto o êxito, que alguém teve idéia de lançar um disco com ela cantando. O resto é história.

FOTO/MARCIA RAMALHO

FOTO/PLAYBOY



FOTOS/MARCIA RAMALHO

Apostamos que depois de ver essas fotos você vai correndo comprar o compacto do conjunto Rabo de Saia, com as músicas *Festa Legal* e *Jacaré*, da Som Livre. Já imaginou? Além de tudo isso que elas revelam aqui, ainda cantam! A garota da direita é a Liana Lemos, 23 anos, professora de dança e também bailarina, além de cantar no conjunto; a da foto acima é a cantora e bailarina Sônia Montenegro, 19 anos; a garota da esquerda é Monica Rossi, 19 anos, também cantora e bailarina. Para quem quiser vê-las: elas aparecem sempre no programa Carlos Imperial na televisão.

FOTOS/MARCIA RAMALHO

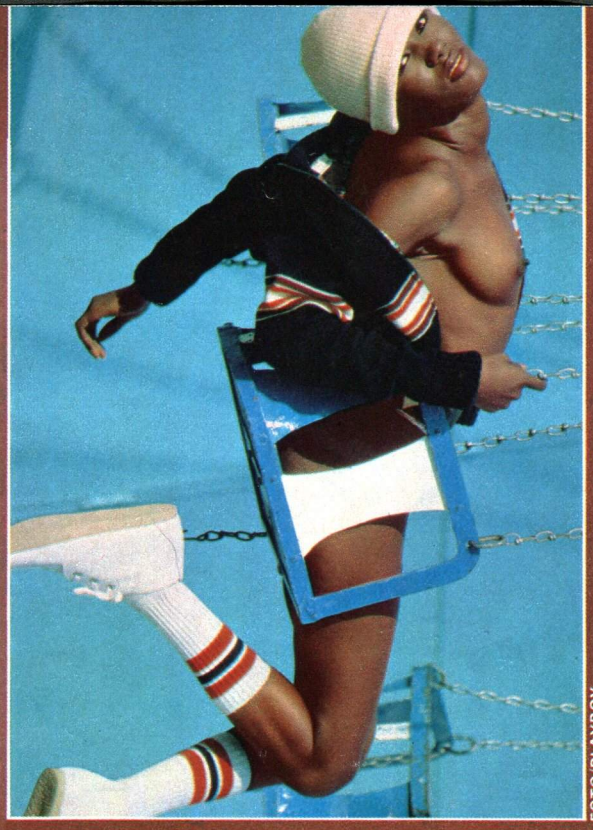
Apostamos que depois de ver essas fotos você vai correndo comprar o compacto do conjunto Rabo de Saia, com as músicas *Festa Legal* e *Jacaré*, da Som Livre. Já imaginou? Além de tudo isso que elas revelam aqui, ainda cantam! A garota da direita é a Liana Lemos, 23 anos, professora de dança e também bailarina, além de cantar no conjunto; a da foto acima é a cantora e bailarina Sônia Montenegro, 19 anos; a garota da esquerda é Monica Rossi, 19 anos, também cantora e bailarina. Para quem quiser vê-las: elas aparecem sempre no programa Carlos Imperial na televisão.

O sonho secreto de Gretchen (à esquerda) é ser mãe, mas por enquanto ela está fazendo muito sucesso como a cantora sexy do gênero discoteca, cantando em inglês as músicas do seu compacto de estréia, *Dance With Me* e *Love Me Here*. Gretchen é carioca e tem 20 anos; seu grande modelo na música é a erótica Donna Summer. Descoberta num festival do Colégio Objetivo de São Paulo, foi contratada pela Copacabana e ali gravou com suas irmãs no conjunto "As Melindrosas". Agora, Gretchen — no tempo disponível entre um show e um programa de TV — filma com J. B. Tanko.

FOTO/MARCIA RAMALHO

Produção/Cecília Ribeiro
Maquilagem/Thomas Dourado, Cabelos/Thutty (Lucien's Coiffeur)
Participação/Rose Benedetti, Boutique Plaza, Fotoptica

Grace Jones (à direita) é a rainha das discotecas de Nova York; as noites de maior sucesso da *Xenon* ou do *Studio 54* foram noites de Grace e sua música quente, sensualíssima. Ela é jamaicana, mas seu êxito é mundial. Amanda Lear (abaixo) era uma das modelos mais caras da Europa, antes de se tornar cantora. Por incrível que pareça, sua fama foi construída sobre boatos de que é um transexual que fez operações para se tornar mulher. Amanda nega tais rumores. As fotos apóiam sua negativa ou, pelo menos, servem para que se peça um Nobel de Medicina para o autor da operação...



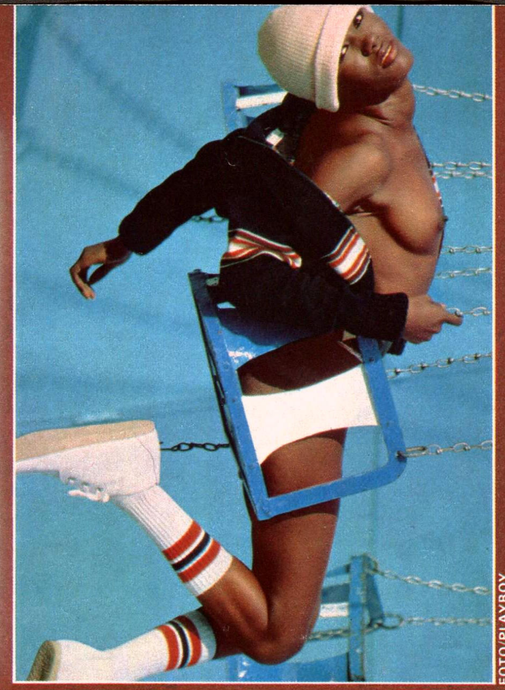
FOTO/PLAYBOY

FOTO/PLAYBOY

FOTO/MARCIA RAMALHO

O sonho secreto de Gretchen (à esquerda) é ser mãe, mas por enquanto ela está fazendo muito sucesso como a cantora sexy do gênero discoteca, cantando em inglês as músicas do seu compacto de estréia, *Dance With Me* e *Love Me Here*. Gretchen é carioca e tem 20 anos; seu grande modelo na música é a erótica Donna Summer. Descoberta num festival do Colégio Objetivo de São Paulo, foi contratada pela Copacabana e ali gravou com suas irmãs no conjunto "As Melindrosas". Agora, Gretchen — no tempo disponível entre um show e um programa de TV — filma com J. B. Tanko.

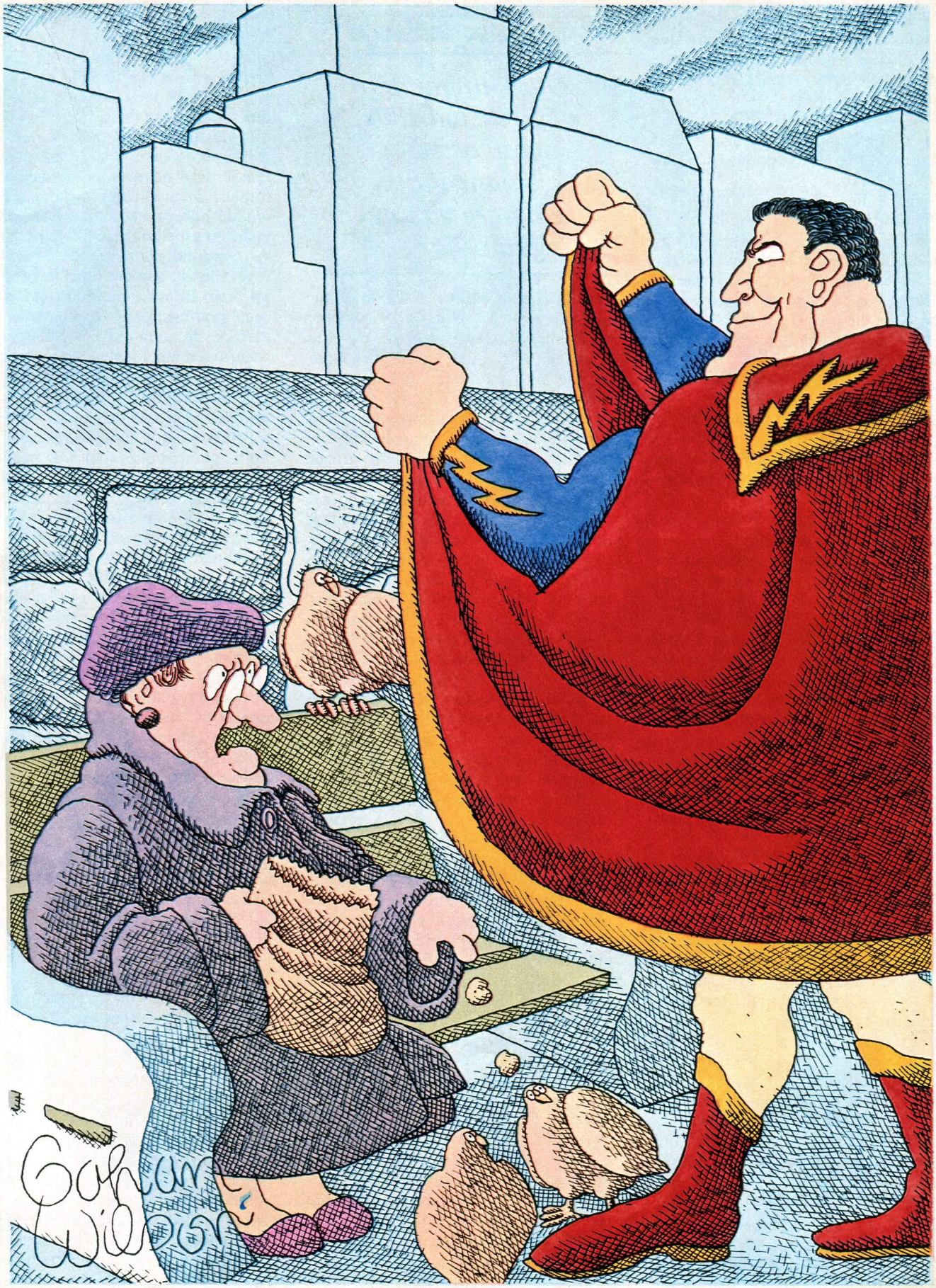
Grace Jones (à direita) é a rainha das discotecas de Nova York; as noites de maior sucesso da *Xenon* ou do *Studio 54* foram noites de Grace e sua música quente, sensualíssima. Ela é jamaicana, mas seu êxito é mundial. Amanda Lear (abaixo) era uma das modelos mais caras da Europa, antes de se tornar cantora. Por incrível que pareça, sua fama foi construída sobre boatos de que é um transexual que fez operações para se tornar mulher. Amanda nega tais rumores. As fotos apóiam sua negativa ou, pelo menos, servem para que se peça um Nobel de Medicina para o autor da operação...



FOTO/PLAYBOY

FOTO/PLAYBOY

Produção/Cecília Ribeiro
Maquilagem/Thomas Dourado, Cabelos/Thutty (Lucien's Coiffeur)
Participação/Rose Benedetti, Boutique Plaza, Fotoptica



— Por que, em vez de ficar fazendo isso,
você não vai proteger a cidade dos bandidos, meu rapaz?

— O que uma garota maravilhosa como eu faz num lugar desses?
Mas, meu bem, eu sou prostituta!

Sugestões para que a falta de gasolina não tire o seu bom humor

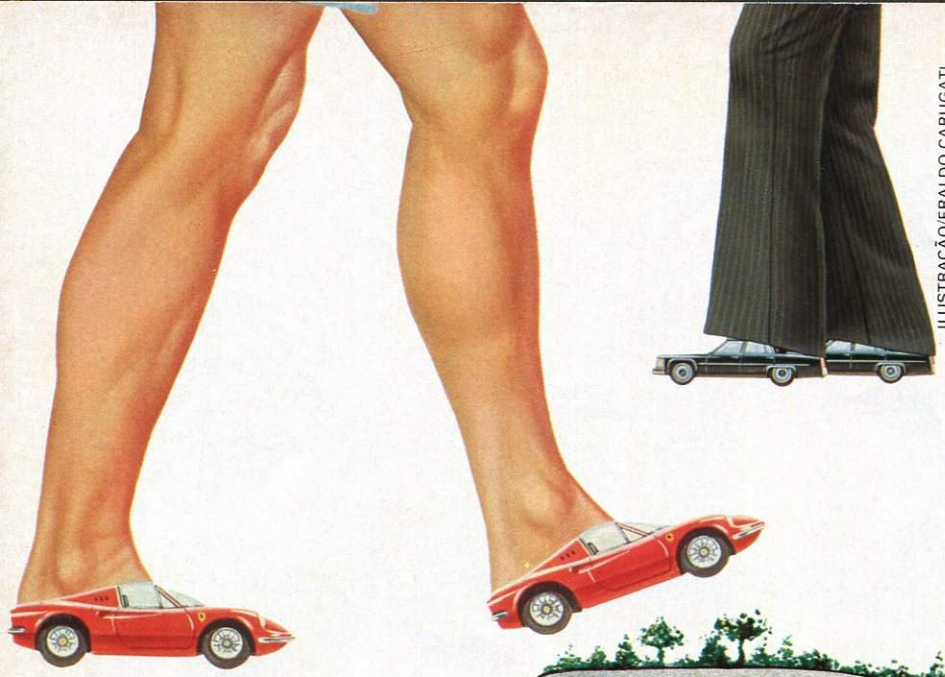
Humor

AS PROPOSTAS DE PLAYBOY PARA A CRISE DO PETRÓLEO

O FATO DE faltar petróleo não significa que nossa vida tenha de piorar, não é mesmo? Afinal, você não come, não bebe, não dorme com petróleo. E, satisfeitas essas necessidades fundamentais, o melhor a fazer é pôr a crise do petróleo a nosso serviço.

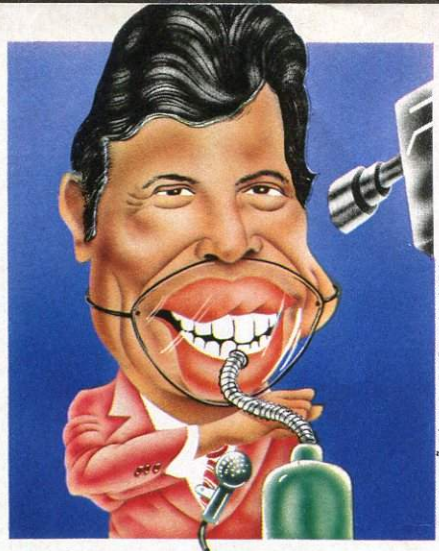
Já que as autoridades devem dar o exemplo, por que Shigeaki Ueki, Cesar Cals e Mario Simonsen não passariam a viajar num balão de ar quente, deixando os jatos devoradores de gasolina?

ILUSTRAÇÃO/GILBERTO MIADAIRA



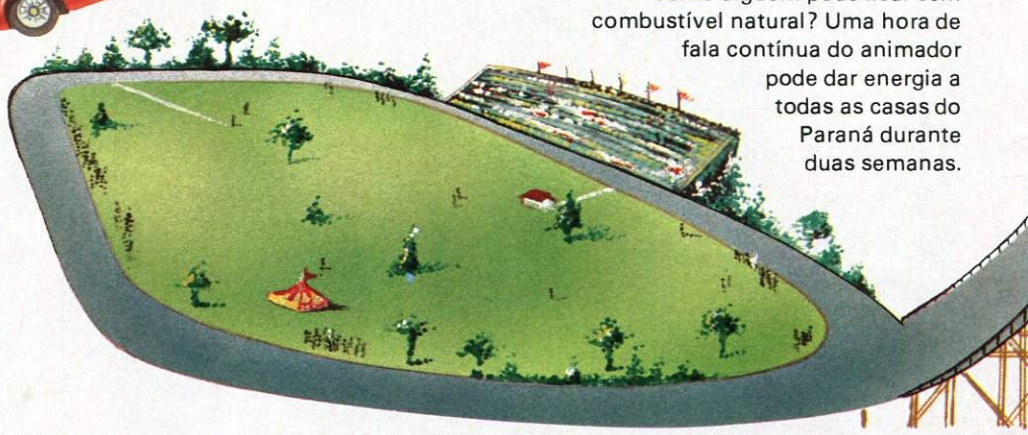
ILUSTRAÇÃO/ERALDO CARUGATI

Pelo nosso plano, os carros que desperdiçam gasolina serão postos fora da lei e a corrida (acima) será estimulada. Os maníacos por corrida poderão fazer seu Cooper com sapatos Ferrari (com solas radiais); os mais econômicos poderão usar tênis fusca, enquanto os altos executivos poderão ostentar sua posição com sandálias Cadillac ou Mercedez-Benz.



ILUSTRAÇÃO/GILBERTO MIADAIRA

Com recursos como Sílvio Santos, como alguém pode ficar sem combustível natural? Uma hora de fala contínua do animador pode dar energia a todas as casas do Paraná durante duas semanas.



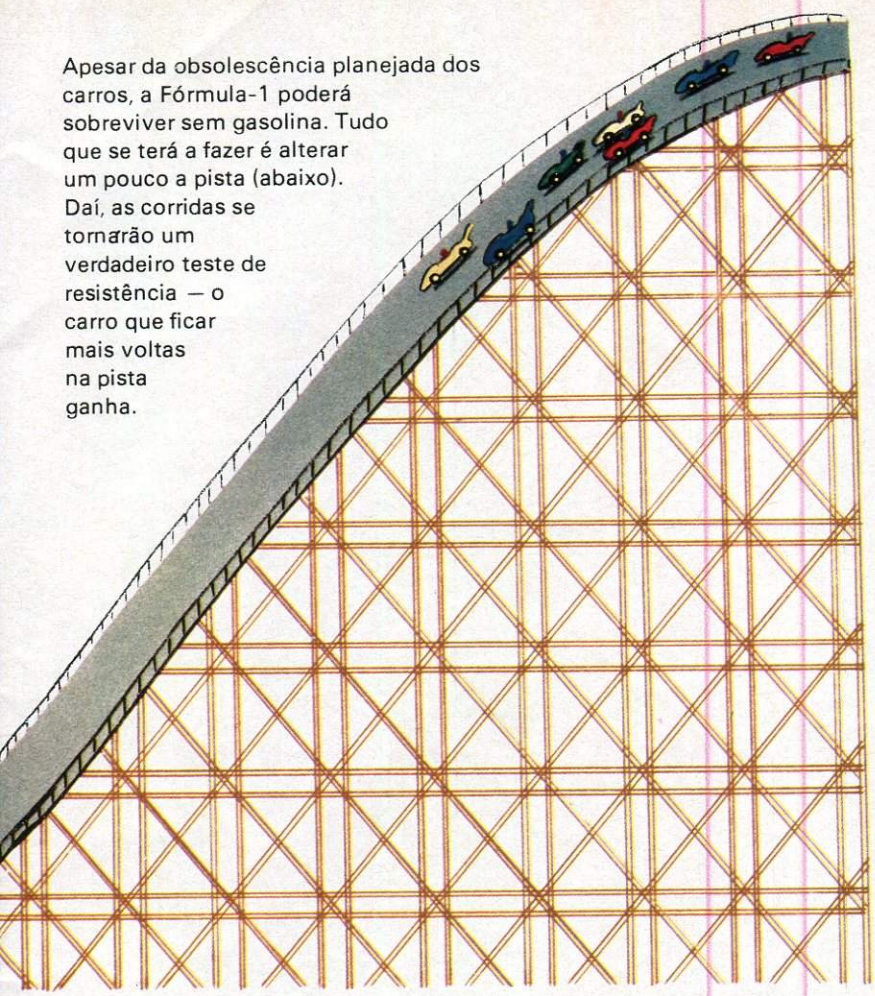
ILUSTRAÇÃO/KINUKO Y. CRAFT

O cinema a pé (acima) substituirá o auto-cine. Como sempre, os casais na frente assistirão ao filme, enquanto os de trás vão se divertir de outra forma. Isto não só poupará gasolina, como evitará aquelas dolorosas contorções necessárias para transar com uma garota num banco de carro desenhado inicialmente para as pessoas se sentarem.

Os motoristas de táxi (abaixo) não ficarão dando voltas desnecessárias pela cidade com você, não falarão tanto e não terão fôlego para xingar se você não der uma gorjeta.

FOTO/BILL ARSENAULT

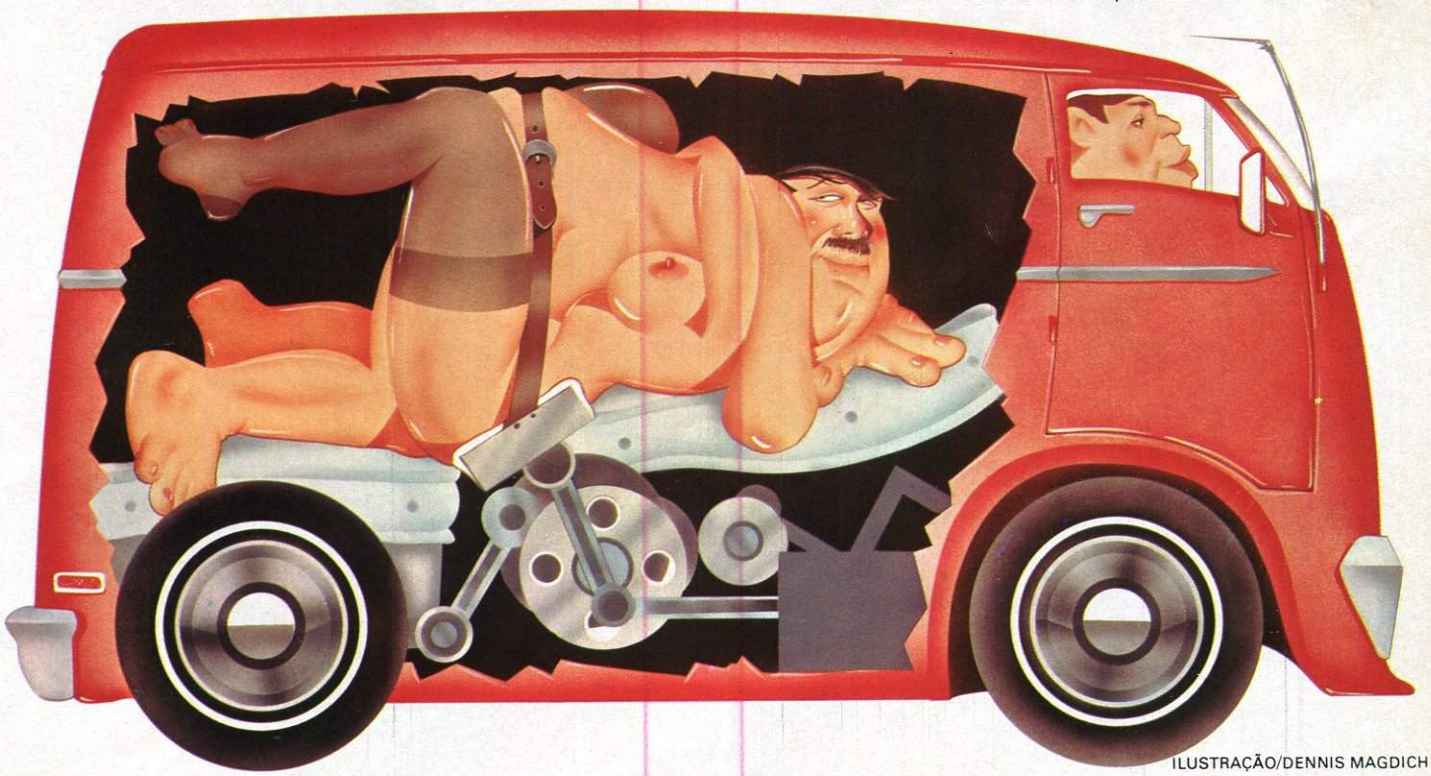
Apesar da obsolescência planejada dos carros, a Fórmula-1 poderá sobreviver sem gasolina. Tudo que se terá a fazer é alterar um pouco a pista (abaixo). Daí, as corridas se tornarão um verdadeiro teste de resistência — o carro que ficar mais voltas na pista ganha.



ILUSTRAÇÃO/GILBERTO MIADAIRA

FOTO/BILL ARSENAULT

Os postos devem ser transformados imediatamente em postos de abastecimento humano. Os frentistas bombearão drinques, checarão as coxas, arrumarão os calcanhares e até limparão óculos embaçados.



ILUSTRAÇÃO/DENNIS MAGDICH

Primeiro veio o motor de combustão interna; agora, o de combustão externa *a dois* está pintando. Baseado no princípio da reciprocidade, este motor simplesmente troca quilômetros por litro pelos quilômetros por garota.

Aos 19 anos, Missy Cleveland é uma motoqueira veterana e já cruzou os Estados Unidos várias vezes, em alegres excursões com sua turma.

Missy está sempre ansiosa por novas sensações e emoções fortes

Fotos/Mario Casilli

CURTIR A VIDA É COMIGO!

Missy Cleveland adora experimentar novidades. Assim, quando saiu um anúncio de PLAYBOY num jornal de San Diego, Califórnia, procurando garotas bonitas para entre elas escolher a *playmate* no 25.º aniversário da revista, foi uma das primeiras a se candidatar

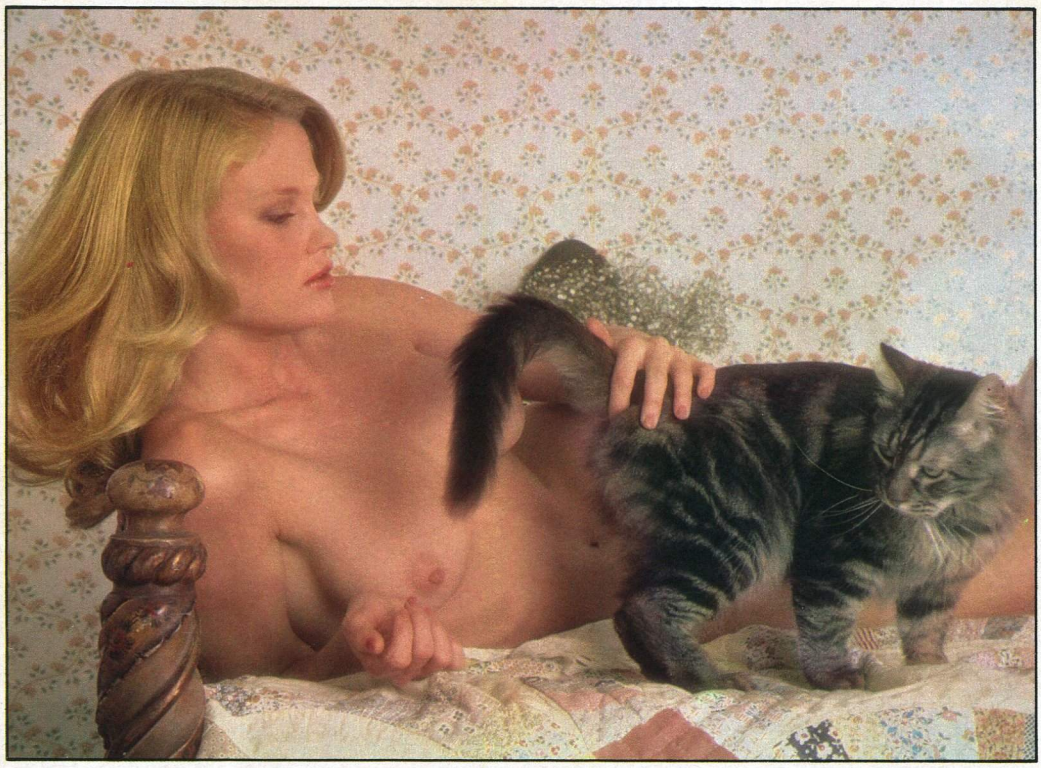
Aos 19 anos, Missy Cleveland
é uma motoqueira veterana e já cruzou os
Estados Unidos várias vezes, em alegres
excursões com sua turma.

Missy está sempre ansiosa por novas sensações e emoções fortes

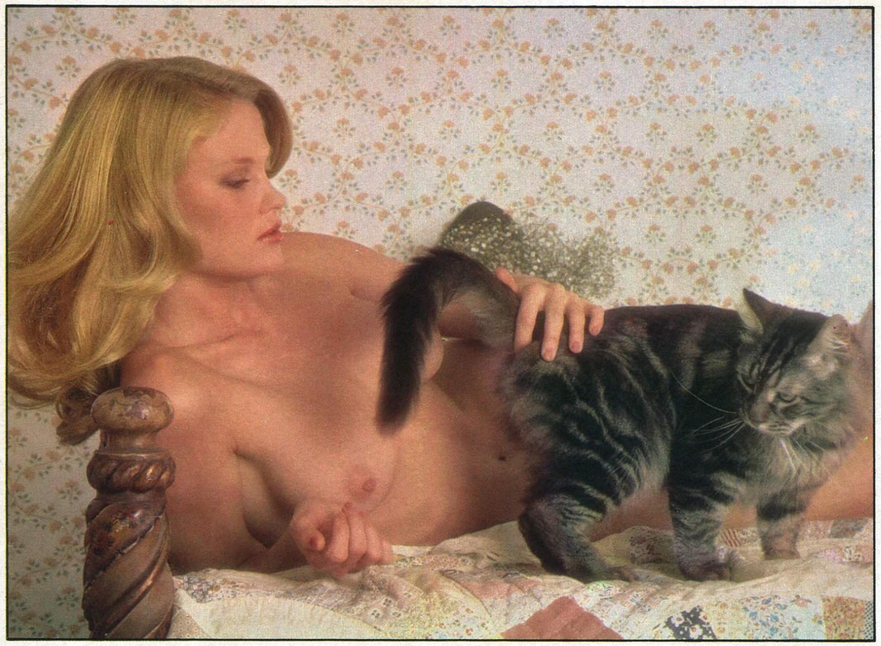
Fotos/Mario Casilli

CURTIR A VIDA É COMIGO!

Missy Cleveland adora experimentar novidades. Assim, quando saiu um anúncio de PLAYBOY num jornal de San Diego, Califórnia, procurando garotas bonitas para entre elas escolher a *playmate* no 25.º aniversário da revista, foi uma das primeiras a se candidatar



Ao entrevistá-la, Mike Garcia, diretor de Promoções de PLAYBOY, não teve dúvidas de que ela seria uma das finalistas entre as milhares de candidatas que se inscreveram. A única dúvida de Mike foi a de saber se Missy conseguiria se manter quietinha durante alguns instantes, para ser fotografada. Mas ela logo provou que conseguiria. "Sou capaz de fazer coisas incríveis", afirmou ela, "até mesmo ficar quieta durante algum tempo mas só quando isso é gostoso "



Ao entrevistá-la, Mike Garcia, diretor de Promoções de PLAYBOY, não teve dúvidas de que ela seria uma das finalistas entre as milhares de candidatas que se inscreveram.
A única dúvida de Mike foi a de saber se Missy conseguiria se manter quietinha durante alguns instantes, para ser fotografada.
Mas ela logo provou que conseguiria.
"Sou capaz de fazer coisas incríveis", afirmou ela, "até mesmo ficar quieta durante algum tempo mas só quando isso é gostoso "

Foi Missy quem convenceu os pais, há três anos, a se mudarem da pacata Jackson, no Mississípi, sua cidade natal, para a febril e excitante Califórnia. Mesmo assim, ela diz que não suporta cidades grandes e poluídas e, sempre que consegue uma folga em seu curso de Arte Dramática em San Diego, ela foge para os campos e as montanhas, cavalgando sua potente moto, e gulosa pelas aventuras inesperadas que poderá encontrar pelo caminho.

— Dóris, você deveria estar fazendo compras.
Alguma coisa errada com o seu cartão de crédito?

Susan Kiger fez a redação de PLAYBOY ficar praticamente inundada de cartas pedindo sua volta, após ter aparecido no número de setembro de 77. Havia tanta gente querendo participar de *As Férias de Susan*, que a revista se esgotou. Susan voltou à revista duas vezes: em *A Festa das Playmates* (março de 78) e em *As Irmãs* (junho de 78). Coincidência ou não, ambas as edições se esgotaram.

FOTO/POMPEO POSAR

FOTO/POMPEO POSAR

Ensaio

Finalmente, para você, as fotos sexy que até agora, por motivos de força maior, não podíamos publicar. Divirta-se!

AS FOTOS QUE VOCÊ QUERIA

(E NÓS TAMBÉM!)

URGENTE PLAYBOY

NEM SEMPRE as fotos que saem na revista são aquelas que desejamos publicar Os chamados "motivos de força maior" influem às vezes no que gostaríamos de mostrar aos nossos leitores, admiradores como nós das graças das garotas que enfeitam nossas páginas. Agora, removida uma parte desses motivos, revelamos, pela primeira vez, fotos dessas garotas maravilhosas que você (e nós também) queria ver, conforme as muitas cartas e pedidos pessoais recebidos pela redação de PLAYBOY

FOTO/ANTONIO GUERREIRO

Lá no alto da página está Lisa Sohm, que veio ao Brasil para nossa festa de 2.º aniversário. Imagine só: ao vivo ela é mais sexy ainda Na foto acima, Darci, representante do Brasil nas garotas do mundo de PLAYBOY e, ao lado, Lenilda, que você reconhece facilmente. Da novela ao poster gigante de janeiro, ela povoou (e povoa) todos nossos sonhos.

FOTO/PEDRO HENRIQUE

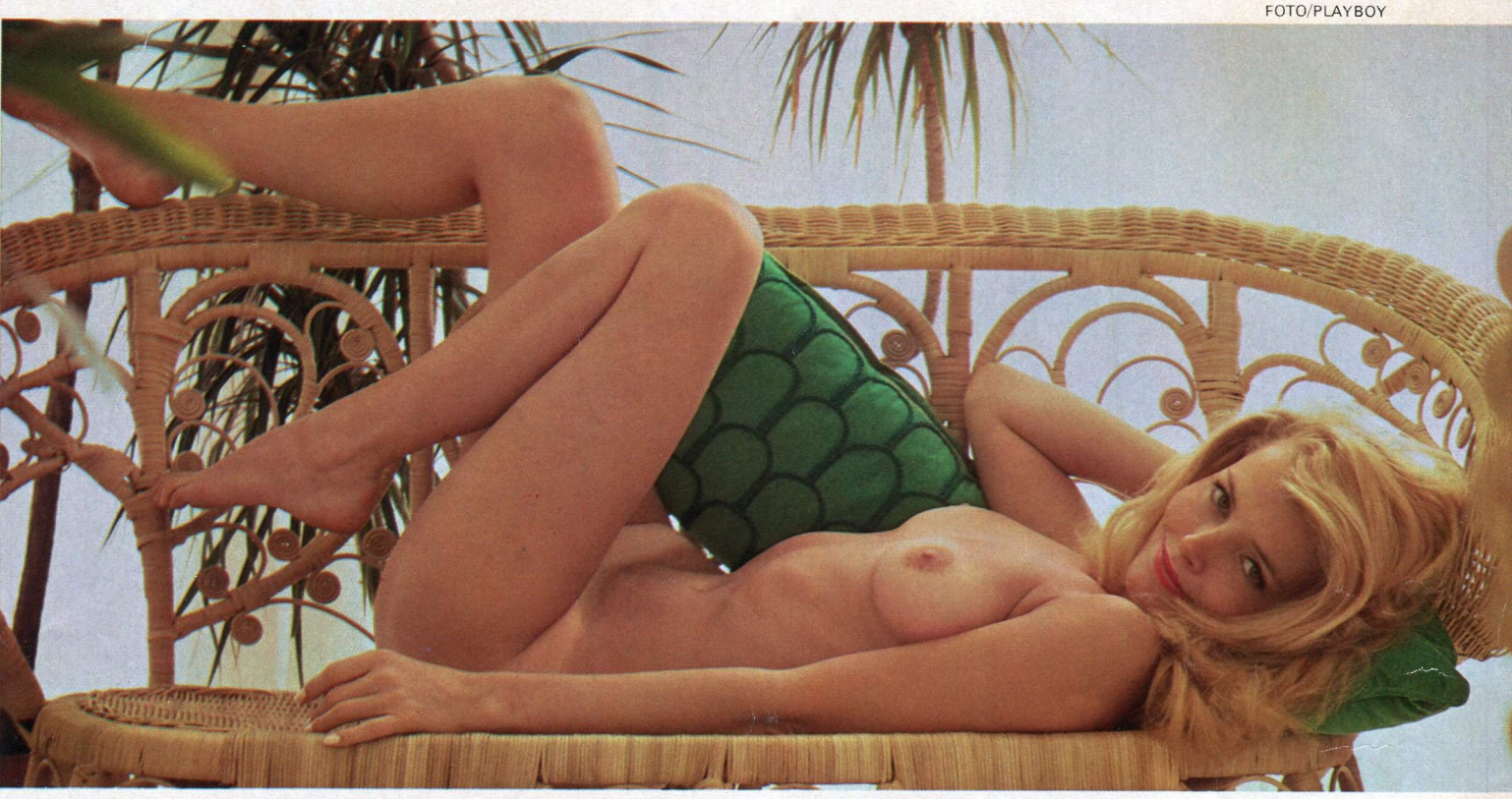
FOTO/POMPEO POSAR

FOTO/MARIO CASILLI

Nesta página, um trio eletrizante de fotos que só agora podem sair em PLAYBOY: acima, a eficiente bombeira Vicki, que — pelas cartas de leitores ateou fogo a muitos deles. À esquerda, uma das favoritas indiscutíveis de nosso eleitorado (e nossa também!), Patty McGuire. Abaixo, Branca, a dama das dunas, um sucesso na revista de novembro de 77

FOTO/PAULO ROCHA

FOTO/PLAYBOY



FOTO/KEN MARCUS

Valerie Lewton Val, para os amigos teve de ficar de fora do elenco de *As Garotas de Playboy*, reunido em abril de 77. Os protestos foram muitos na redação e, agora, você vê por quê.

Karen Morton (à esquerda) também fez o correio trabalhar mais, após sair no poster de novembro de 78. Mas apostamos que, vendo-a assim, nem os carteiros reclamariam.

FOTO/KEN MARCUS

FOTO/PHILLIP DIXON

Esta foto não pôde fazer parte da reportagem fotográfica em que Vivian (acima) foi *Uma Garota à Antiga,* na revista de dezembro de 77. É um prazer vê-la agora, não é? Sondra Theodore (esquerda) sempre fez muito sucesso em PLAYBOY, quer no poster (setembro de 77), quer na capa (dezembro de 77) ou ainda como participante da *Festa das Playmates* (março de 78). Maria Rosa (abaixo) provocou uma corrida às bancas, quando apareceu em nosso número de janeiro de 77

FOTO/PAULO FISCHBERG

FOTO/RICHARD FEGLEY

FOTO/PHILLIP DIXON

Não resistimos: aqui (acima) está Susan Kiger outra vez! É porque a matéria *As Irmãs*, em que ela apareceu com sua maninha Patty (a da esquerda), foi uma das razões diretas de a revista se esgotar em junho de 78. Na foto à esquerda, Karen Hafter, que ganhou em eleições livres e diretas o título de "a melhor das garotas do Playboy" em maio de 77. Na foto abaixo, o que Scarlet Moon tem a mais, após o que já revelou nas fotos que fizeram tanto sucesso quando publicadas na revista de dezembro de 76, um charmoso e inesquecível presente para o Natal dos leitores.

FOTO/ANTONIO GUERREIRO

FOTO/PETER WEISSBRICH

FOTO/FRANCIS GIACOBETTI

FOTO/ARNY FREITAG

URGENTE PLAYBOY

AS FOTOS QUE VOCÊ QUERIA

FOTO/RICHARD FEGLEY

Na foto do alto à esquerda, Doris Anders, uma paixão instantânea dos leitores de PLAYBOY desde fevereiro de 77; no centro, a loura playmate do ano de 78, Debra Jo Fondren, talvez a garota mais pedida do ano passado: ela voltou em março, julho e dezembro, após ser revelada no poster de dezembro de 77, para alegria geral da nação. Na foto abaixo, esquerda, a beleza especial de Christina, afinal mostrada. E, acima, as razões que fizeram de uma aeromoça, Ester Cordet, uma das garotas mais populares de PLAYBOY

FOTO/PHILLIP DIXON

A havaiana Denise Michele, com seu tipo exótico, ganhou muitos fãs no Brasil e nós respeitamos a vontade deles: ela apareceu em *As Garotas do Playboy* (abril de 77), foi a playmate de outubro de 77 e participou da *Festa das Playmates* (março de 78). Abaixo, a pantera Ann Pennington, cujo sucesso fulminante em nossas páginas inclui sua eleição, pelos leitores, para o título de "a namoradinha do Brasil" (agosto 77).

FOTO/SUZE RANDALL

FOTO/POMPEO POSAR

Esta é uma garota inédita para seus olhos e seus sonhos. Chama-se Patricia McClain e estava programada para sair em *Elas Só Querem Provocar*, no número de abril de 78. Finalmente Pat está aqui para você. A propósito, ela é filha de um almirante e sua mãe é de origem índia, apache. E costuma dizer que quer se casar com um homem bonito e que tenha bastante dinheiro. Os candidatos que se apresentem

"QUERO SALVAR OS NOSSOS ÍNDIOS"

Depois de conhecer os índios de perto, Carlos Alberto Ricelli, o "Aritana", entra na luta para defendê-los da exploração e das ameaças de extermínio

EU SOU ATOR, não sou antropólogo, nem sertanista. Mas sou um brasileiro preocupado com as coisas do meu país. Antes de fazer a novela *Aritana*, a minha preocupação com os problemas do índio brasileiro era exatamente igual à de qualquer cidadão razoavelmente informado. Pelo noticiário da imprensa e pela leitura de alguns livros, como *Quarup*, de Antonio Callado, e *Maíra*, de Darci Ribeiro, eu conhecia um pedaço da realidade indígena. E essa realidade me chocava e me revoltava, embora eu não conhecesse maiores detalhes. Até que um dia a direção da Tupi me convidou para fazer o papel-título de uma novela que, segundo diziam, pretendia mostrar o nosso índio como ele realmente era. Ora, eu sou engenheiro-químico e, quando abandonei essa carreira para ser ator, foi por achar que poderia escolher bem os papéis que iria representar. Isto é, na medida do possível, representar personagens que me acrescentassem algo e tivessem uma contribuição a dar à TV.

Assim, quando fui sondado para fazer o papel de Aritana, fiquei pensando, como qualquer pessoa de bom senso pensaria, que a televisão brasileira jamais faria algo sério sobre a realidade indígena. Além de tudo, eu sou descendente de italianos, quase alourado, não tenho nada de índio. Respondi que não aceitava. Aí me disseram que eu teria tempo para pensar, enquanto eles iriam transar a autorização para gravar algumas cenas no interior do Parque Nacional do Xingu. Então comecei a pensar melhor na idéia, vi que a história pretendia reconstituir com alguma fidelidade a vida e os costumes dos nossos índios e teria a orientação de Cláudio e Orlando Villas-Boas, o que era uma garantia de honestidade.

Posso afirmar hoje, com muita segurança, que essa foi uma das decisões mais acertadas que já tomei na vida. Desde que chegamos ao Posto Leonardo, fomos envolvidos por uma atmosfera de emoção quase indescritível. Para mim, principalmente, e para a Bruna Lombardi, que iria trabalhar comigo, era uma sensação absolutamente nova, de contato com um mundo que havíamos apenas imaginado, mas que, na verdade, não conhecíamos. Logo de cara deu pra sentir um carinho — e também uma certa desconfiança — da parte dos índios. Nós levávamos uma mensagem gravada de Orlando Villas-Boas, pedindo que nos auxiliassem nas gravações, que se pintassem e dançassem e, principalmente, que Aritana (jovem guerreiro, chefe da nação Iulapiti, cujo nome foi aproveitado para o do personagem-título da novela, embora esta não conte a sua história) me ajudasse com mais atenção, já que cabia a mim interpretar um índio como eles. Mas aconteceu um negócio chato, a meu ver, nessa ocasião, e que demonstra bem até que ponto as pessoas — mesmo as mais experientes e bem-intencionadas — cometem erros em relação aos índios, ao agir de forma paternalista, protetora. Todos estavam ouvindo, entre curiosos e divertidos, a fala do Orlando Villas-Boas, quando este, dirigindo-se especialmente a Aritana, disse que logo estariam juntos, e que ele, Orlando, esperava que Aritana

Depoimento/Carlos Alberto Ricelli

ILUSTRAÇÃO/ALBERTO NADDEO

"QUERO SALVAR OS NOSSOS ÍNDIOS"

"O maior crime contra os índios — pior que invadir suas terras — é querer emancipá-los"

não fizesse outra festa sem convidá-lo, como, segundo Orlando, acontecera recentemente. É claro que Orlando falou isso num tom amistoso ("Você não me convidou, né?"), quase de brincadeira, mas Aritana, que até então estava sorridente, franziu o rosto e balançou a cabeça, com expressão desgostosa e magoada. Quer dizer: a sensibilidade deles é tão arraigada que se toca com as menores coisas. Isto é, menores pra nós, porque para eles são muito importantes.

Essa ligação paternalista precisa acabar, porque é também nociva. Quase tão nociva, guardadas as devidas proporções, quanto a invasão das terras dos índios e as tentativas de aculturação e emancipação. O índio é puro e quer apenas viver a sua vida, sem intermediários.

Ainda a propósito dos grandes problemas que afligem os nossos índios, é preciso que tomemos consciência deles. Antes de aceitar o papel de Aritana, meu conhecimento era muito superficial. Ao aceitar o papel, procurei me informar melhor. Fui ler Lévi-Strauss, conversei muitas horas com Cláudio Villas-Boas, tentando saber o máximo possível sobre os índios. Saber de seus problemas, de seus costumes, como são, como se coçam, como têm ciúmes, como amam, o que sonham. Mas o mais importante, realmente, foi conversar com eles, sentilos, assimilá-los. Nesse sentido, uma experiência fantástica foi com a nudez. No Xingu, eu andei nu, sozinho, pela floresta — principalmente à noite — e descobri a maravilhosa sensação de liberdade e de aprendizado de vida. E aprendi a admirá-los ainda mais.

Durante o curto espaço de tempo que permanecemos no Xingu, um novo horizonte se ampliou em nossas mentes. Eu, particularmente, que convivi mais diretamente com eles, pude perceber a grandeza de personalidade que eles possuem. São maravilhosamente ingênuos e puros, são crianças, no que elas têm de mais belo, que é a ausência de maldade, de sutilezas ou ironia. Neles, não há concorrência nem competições.

Exatamente porque a sua sociedade tem um equilíbrio perfeito, sem ser competitiva, é que eles estão sujeitos a serem enganados, no contato com os brancos. Por isso, acho que o maior crime que se pode cometer contra eles maior mesmo que a invasão de suas terras — é a tentativa de emancipá-los. Emancipar o índio é deixá-lo completamente abandonado diante dos perigos que a civilização acarreta. Permanecem, pode-se dizer, quase como um joguete nas discussões entre as missões religiosas e os sertanistas. E se isso acontece por orientação de gente bem-intencionada, o que aconteceria se fossem utilizados por gente inescrupulosa que só quisesse prejudicá-los? É preciso livrá-los do paternalismo.

Mas, entre eles, demonstram uma personalidade incrível. Aritana, por exemplo, tem uma fortaleza moral extraordinária; não precisa apelar para a ostentação para demonstrá-la.

Durante nossa estada no Parque do Xingu, ficamos bastante amigos deles. Os índios, depois que vencem a desconfiança inicial, tornam-se verdadeiramente amigos. Quando eu estava sendo ensinado a lutar o *huca-huca* (uma luta da qual Aritana é o campeão de todo o Xingu), fiquei muito envaidecido ao ouvir deles comentários elogiosos à minha capacidade de aprender rapidamente ("Nunca vi assim caraíba", diziam). E certa noite, depois de um dia de exaustivas gravações, fomos assistir, no monitor, o resultado do trabalho. E eu me surpreendi, pois minha movimentação, no meio deles, até que não era das piores. Acho mesmo que dava para compor um tipo digno de índio. Outra preocupação que eu sempre fiz questão de ter em mente, apesar da seriedade a que a novela se propunha, foi cuidar para que o índio que eu iria representar não caísse no destino comum dos personagens novelescos, caricatural e quase ridículo.

Entretanto, é preciso reconhecer que, apesar dos esforços de todos — autora e diretores — para que *Aritana* fosse uma novela tratada com seriedade e respeito, houve algumas concessões praticamente inevitáveis na televisão. Por exemplo: o personagem aprende a beijar como os brancos, e passa a gostar, querendo beijar a toda hora. Isso partiu de uma constatação verdadeira o índio realmente é assim —, mas foi tratado de uma forma folhetinesca.

Desde o princípio eu reagi às tentativas de se fazer o índio que eu interpretava falar com um sotaque entre o caipira e o débil mental, por achar que isso seria um desrespeito imperdoável, com o qual eu jamais concordaria, quer como ator, quer como ser humano. Neguei-me sempre, e fui falando de jeito bem natural, até que um dia, lembrando do jeito com que Aritana falava, comecei a falar de um modo que eu julgava parecido. Isso aconteceu de repente, sem que eu tivesse premeditado. Foi algo que eu senti subitamente. Logo após, a Bruna, que ouvira a gravação, veio me dizer, impressionada: "Você falou exatamente como o Aritana fala" E apesar de ter sido criticado exatamente por isso, eu me senti recompensado. Pelo fato de ter reconstituído no vídeo, com dignidade, o nosso índio.

Finalmente, devo dizer que, através dessa experiência, pude ampliar um conhecimento que eu só possuía superficialmente. Pude perceber com mais profundidade quais são os grandes problemas dos índios brasileiros e o que fazer para tentar solucioná-los. Foi possível verificar que os seus maiores inimigos não são, como se quer fazer crer, os pequenos posseiros, que também lutam pela sobrevivência, vítimas também da falta de espaço para plantar e comer. São, ao contrário, os grandes grupos econômicos que invadem suas terras com estradas ou pastagens. São os que querem tratá-los de forma paternalista, desrespeitando seus costumes e sua cultura. São os que desejam emancipá-los e aproximá-los da civilização branca, onde só encontrarão doenças e prostituição, onde perderão a identidade nacional em troca da sobrevivência. Nós, que temos consciência disso, precisamos nos mobilizar e agir para salvá-los, antes que seja muito tarde. Para isso, devemos lutar em todas as frentes, exigindo que suas terras sejam demarcadas, cobrando sempre isso das autoridades responsáveis. Lutando para que eles não tenham contato conosco, protestando contra a emancipação. Porque, afinal, a nossa civilização exerce para a sua ingenuidade o mesmo fascínio que as luzes de São Paulo exercem para o homem do interior. O que é fatal para os índios.

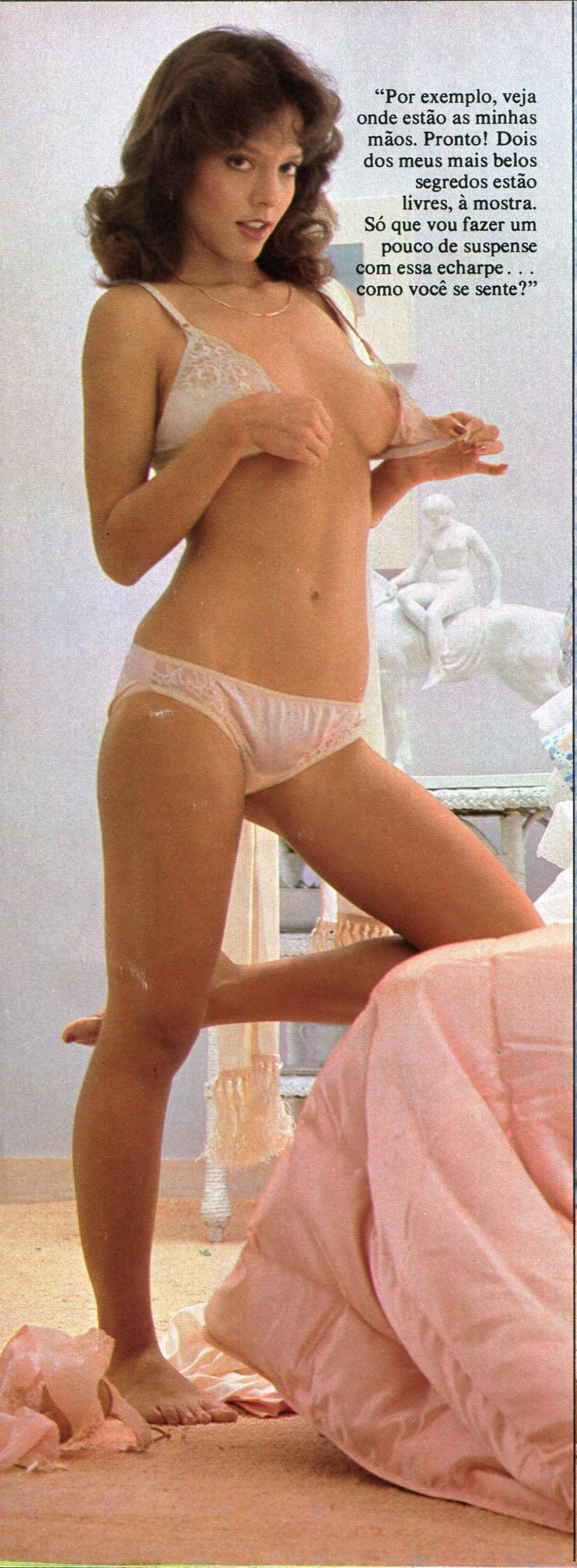
"Fique à vontade,
de olhos bem abertos;
vou dar um
espetáculo que
você nunca esquecerá!"

NÃO SEJA DISCRETO!

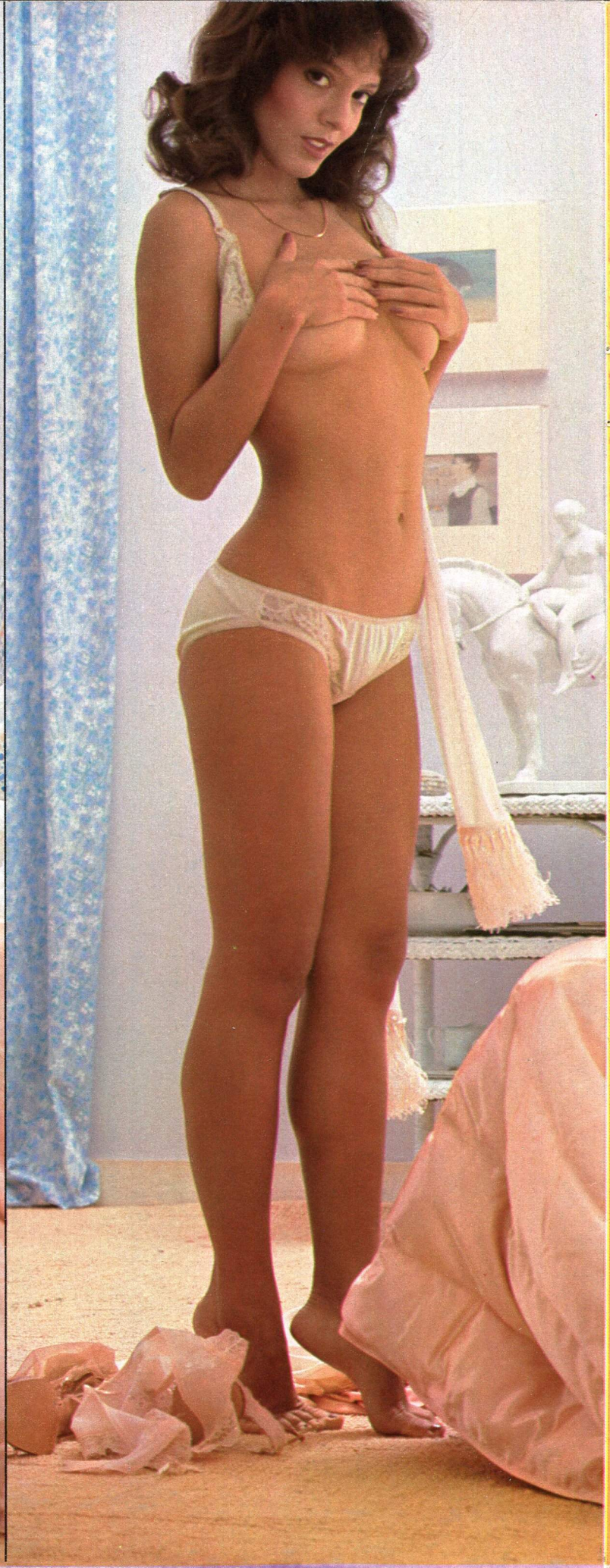
Abra a porta
e comece a curtir
um show exclusivo
para você

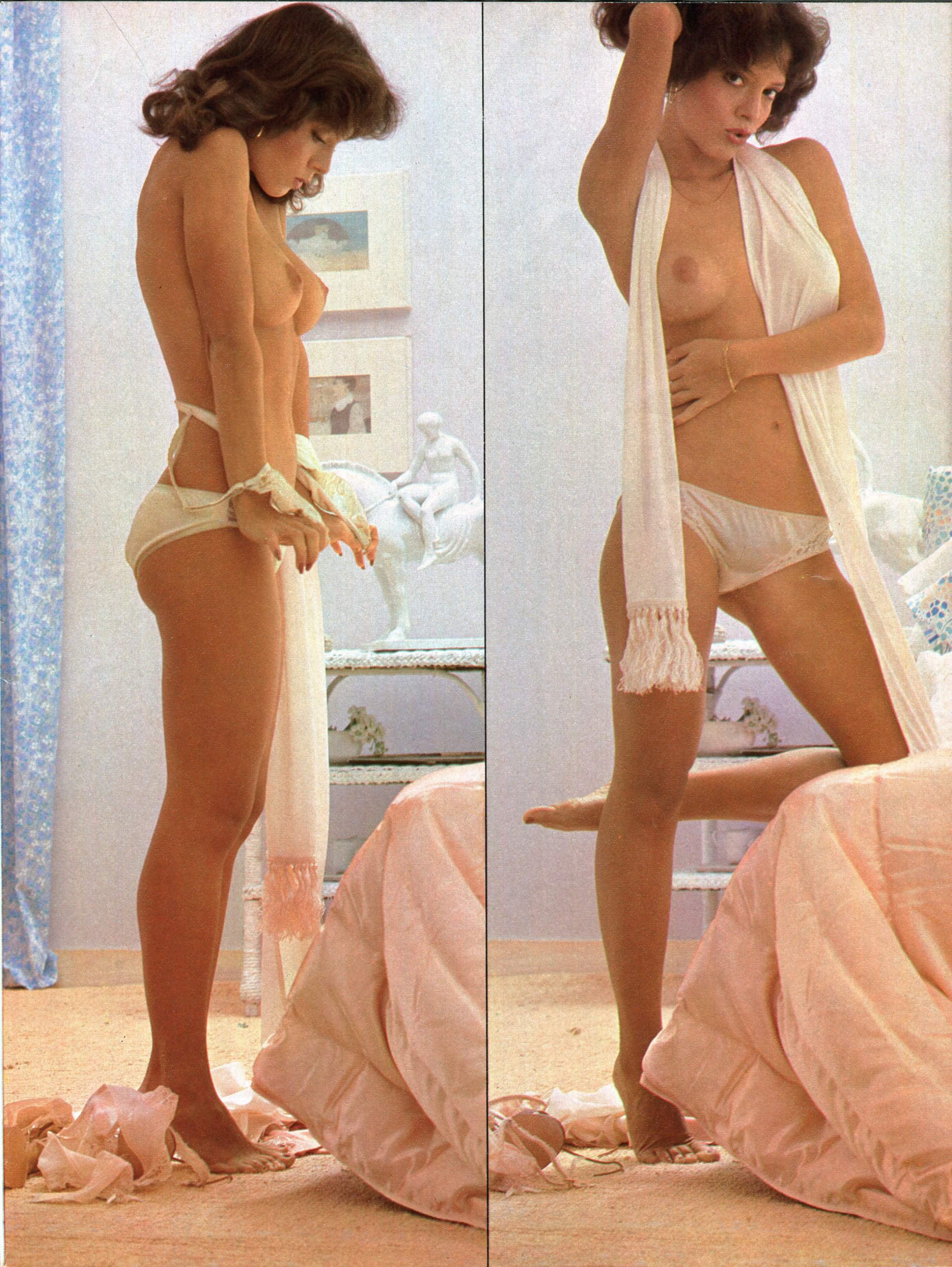
Fotos/Dwight Hooker

"Veja só: é fácil uma saia cair, tão fácil quanto uma blusa. . . E agora, o que você sugere? Ah, sim, as meias. . . Lá se vai uma delas. E fique olhando, que eu tenho mais surpresas para você."

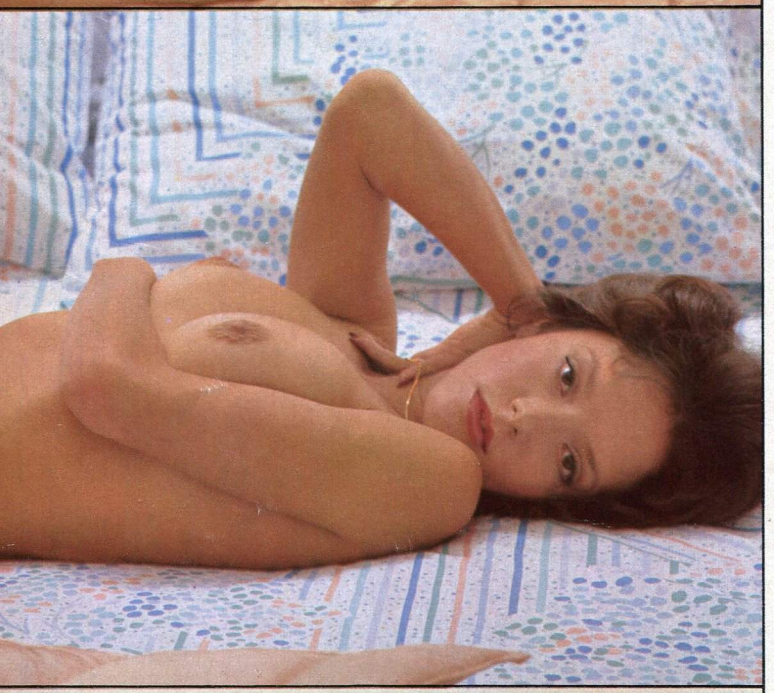


"Por exemplo, veja onde estão as minhas mãos. Pronto! Dois dos meus mais belos segredos estão livres, à mostra. Só que vou fazer um pouco de suspense com essa echarpe... como você se sente?"





"Não, não se desespere! A echarpe só cobre uma parte mínima do meu corpo. Está certo: ela também vai obedecer à lei da gravidade. É, caiu também. O que fazemos agora, hein?"



"Pronto. Aqui estou,
nestes lençóis macios, nua. O meu
show solitário acabou. Você gostou?
Então que tal pensarmos
em alguma coisa para fazermos juntos?
O que sua imaginação sugere?
Pense você por mim . . . eu espero.
Vou até fechar os olhos . . . ahhh!"

"Pronto. Aqui estou,
nestes lençóis macios, nua. O meu
show solitário acabou. Você gostou?
Então que tal pensarmos
em alguma coisa para fazermos juntos?
O que sua imaginação sugere?
Pense você por mim . . . eu espero.
Vou até fechar os olhos . . . ahhh!"

os vilões e bandidos, determinada a destruir a sociedade para atingir fins escusos.

Hoje, a paranóia decresceu um pouco. Em proporção direta à redução da freqüência de ataques feitos por sequestradores e outros ativistas. O terrorismo não morreu, é claro, pois sempre podem surgir grupos desesperados ou fanáticos sem outra opção de luta política. E, entre todas as formas de terror, a mais freqüente — e ocasionalmente bem-sucedida — tem sido a do seqüestro de aviões. Hoje, devido à passagem do período crítico da ação terrorista, é possível saber mais sobre os bastidores dessa guerra não declarada.

Para enfrentar o terrorismo e, sobretudo, os seqüestradores aéreos, os governos foram obrigados a criar geralmente em tempo mínimo — forças especiais, de choque, baseadas na experiência dos comandos da Segunda Guerra Mundial. E, além disso, armados com tudo que a tecnologia produziu desde então, de uma pistola Beretta automática em versão especial, até uma submetralhadora Laco digna de qualquer filme de ficção científica, equipada com Laser para dirigir as balas ao alvo e um dispositivo de escuta para ouvir cochichos e movimentos dentro de um avião.

As tropas especiais mais competentes do mundo são três: os SAS (Serviços Aéreos Especiais) ingleses, o Grupo Nove da Guarda Fronteiriça da Alemanha Ocidental e o Regimento 269 de Reconhecimento, do Quartel-General, de Israel. As três forças operam com estreita cooperação e fornecem *know-how* e instrutores para as novas unidades em preparação em outros países.

Boa parte dos mais audaciosos sequestros aéreos recentes tem sua origem atribuída ao trabalho de uma organização dirigida por um certo dr. Wadi Haddad, um ex-oculista de origem palestina. No começo do ano passado, Haddad, um dos fundadores da Frente Popular de Libertação da Palestina, morreu de leucemia num hospital de Berlim Oriental e foi enterrado em Bagdá com honras de herói. Mas antes formou um sistema eficiente de preparação e municiamento de terroristas. Os recrutas chegam, vão para escolas especiais no Iêmen do Sul e no Iraque onde aprendem, por exemplo, como se dirigir aos passageiros

DAS PISTOLAS ÀS SUPERBOMBAS, AS ARMAS DE CADA LADO

As guerras e guerrilhas do terror usam as armas mais sofisticadas do mundo. Dos explosivos plásticos comuns às minas Claymore, que disparam 700 projéteis de aço e podem matar tudo que esteja até a 250 metros de distância. Mas, geralmente, as armas são mais "pessoais" que isso. O arsenal destas páginas é apenas uma amostra das armas usadas por ambos os lados em combate, terroristas e antiterroristas. Uma boa amostra das armas leves mais importantes nas lutas do terror.

TERRORISTAS

WALTHER P38

A marca Walther ficou famosa graças a James Bond, que usava um modelo PPK, mas esta pistola do Exército alemão é considerada geralmente uma arma de combate da maior confiança. Embora a Walther P38 não tenha a força da grande 45 americana, ela é muito empregada e até considerada mais segura que a 45. Afinal, tudo que Bond usava era de primeira!

MAKAROV SOVIÉTICA

A Makarov é uma das preferidas dos sequestradores aéreos e terrestres. Foi projetada mais como arma de defesa pessoal e não é uma escolha muito boa como arma ofensiva. Dispara um projétil 9 x 18 mm e só é bem eficiente a curta distância.

BROWNING FN HIGH POWER

Uma das pistolas militares mais usadas em todo o mundo, segundo a publicação especializada *Small Armes of the World;* ela é canadense e existe desde 1935. Há uma versão da Browning com coronha-coldre de ombro que a transforma numa arma de fogo eficiente para tiro a longa distância.

SKORPION M61

Observada em várias ações terroristas, esta arma leve uma das primeiras pistolas totalmente automáticas a serem usadas é considerada algo inferior por alguns especialistas. A Skorpion M61 foi criada na Checoslováquia por Miroslav Rybar, famoso projetista de armas. Dispara projétil de 7,65 mm, mas pode dar 850 tiros por minuto, o que a torna extremamente eficiente.

SUBMETRALHADORA MP40

Uma das razões da recente popularidade desta arma alemã é o fácil acesso a ela. Mais de 1 milhão de unidades foram fabricadas entre 1940 e 1944, durante os anos de maior esforço alemão na Segunda Guerra. A MP40 é um refinamento da MP38, ainda mais popular, por ser mais barata e mais segura para carregar. O projétil é de 9 mm (velocidade: 390 m/s; 500 tiros por minuto).

STEN MARK 11

Submetralhadora inglesa, aperfeiçoada muitas vezes e fabricada em quantidades imensas. Projétil de 9

mm, 540 tiros por minuto, boa arma de curta distância, muito usada pelos comandos do terror.

RIFLE AKM

Projetado por M. T. Kalashnikov, o mesmo especialista soviético que criou o AK47, usado pelos vietcongs na guerra do Vietnam. O AKM surgiu em 1959 e, com pouco mais de 3 quilos, é bem mais leve que o AK47 (mais de 4 quilos). É uma das armas leves mais fáceis de conseguir no mundo foram produzidas entre 30 e 50 milhões de unidades.

BERETTA MODELO 38/42

A 38/42 de 9 mm foi considerada uma das melhores submetralhadoras da Segunda Guerra Mundial. Tem um respeitável poder de fogo (550 tiros por minuto), é leve e fácil de usar.

ANTITERRORISTAS

INGRAM M10

Esta pequena submetralhadora é uma letal arma de fogo americana projetada por Gordon B. Ingram para usar projéteis calibre 45 ACP e Parabellum de 9 mm. Uma das vantagens que popularizaram a Ingram M10 é ser usada com o silenciador Sionics (visto no filme *Os Três Dias do Condor*). Devido à leveza da culatra, a M10 dispara 1 200 vezes por minuto.

RIFLE M21

Como o inimigo não pode percebê-los até ser tarde demais, os atiradores de elite desempenham um papel-chave nas ações antiterroristas, como aconteceu na captura de Andreas Baader. Com o M21, um rifle americano, e seus acessórios, um silenciador Sionics e uma mira telescópica, o atirador de elite pode ficar sobre um telhado, por exemplo, esperando a centenas de metros e matar um terrorista, sem atingir eventuais reféns.

STERLING MARK 5

Esta arma britânica é uma submetralhadora de 9 mm, realmente silenciosa. O grosso dispositivo na sua parte frontal oculta 72 pequenos orifícios no cano para dissipar lentamente os gases. Num rifle normal, os gases escapariam com velocidade explosiva, causando um ruído de detonação. O Sterling, além disso, dispara à velocidade subsônica, para eliminar o "bang" sônico.

HECKLER & KOCH MP5SD2

Arma alemã, famosa por ter sido usada contra os terroristas da Setembro Negro durante o sequestro nas Olimpíadas de 1972. Funciona com o mesmo princípio básico da Sterling. O *know-how* técnico da Heckler & Koch vem da fábrica Mauser.

COLT XM177E2

Esta arma americana, usada por "tropas especiais" durante a guerra do Vietnam, tem muitos usos: disparos a longa distância, ataque e até lançamento de granadas (tem um cano de 11,5 polegadas para isso). Embora não seja mais fabricada, a submetralhadora XM177, com três opções de coronha, ainda está em uso, graças à sua versatilidade de operação.

HECKLER & KOCH G3SG/1

Quando um atirador de elite dispara seu rifle, um dos fatores decisivos de seu sucesso é a firmeza da sua mão. Este rifle, extremamente popular entre os antiterroristas alemães, tem um ajustamento de gatilho muito preciso, um dado precioso nas ações de comando. É uma versão modificada de um rifle alemão chamado G3, sendo considerado um dos melhores rifles de sua classe.

DISPOSITIVO DE DISPARO MANUAL MARK 1

Há muita confusão sobre armas "silenciosas" Algumas têm silenciadores que exigem munição de pequeno calibre e baixa velocidade. Outras têm supressores que apenas reduzem o ruído do disparo e confundem o inimigo sobre a localização do som. Esta arma americana é uma pistola realmente "silenciada"

RIFLE GALIL

Como a maioria das armas israelenses, o Galil 5,56 mm tem um desenho engenhoso. Por exemplo, aplicados no rifle, há um abridor de garrafas e um cortador de arame farpado. O rifle tem lança-granadas e um dispositivo de iluminação para atirar à noite. Dispara 650 tiros por minuto e foi usado na ação de Entebbe.

— *Puxa, Rodolfo, o teu pai gostou* mesmo *de mim!*

 /Continuação da pág. 46

Eu vejo a religião ficar mais bonita no momento em que homens como dom Paulo Evaristo Arns, como dom Ivo Lorscheiter começam a questionar toda a pompa da Igreja, seu poderio econômico. É uma coisa bonita.

PLAYBOY De quem você se sente mais próximo: João XXIII, Paulo VI ou João Paulo II?

TONY Deste último, o Wojtyla, homem vigoroso, trabalhador, com cheiro de terra. Mas ao mesmo tempo não posso esquecer João XXIII e a revolução que ele fez na Igreja.

PLAYBOY — Você transa bem com ateus?

TONY Claro, claro. Com ateus, com marxistas, transo muito bem, sem problema algum. Porque acho que todas as pessoas têm de se manifestar abertamente, livremente.

PLAYBOY O que você diz das acusações que tantas vezes têm sido feitas a dom Hélder Câmara, de que ele seria um marxista?

TONY — Dom Hélder é um ser humano maravilhoso, preocupado com o seu próximo. Ele é um liberal, mas é acima de tudo um cristão, e também um ser humano vivenciado nos problemas do povo, nas dificuldades de seus irmãos.

PLAYBOY — Mudando de assunto, você já teve alguma experiência homossexual?

TONY Nunca.

PLAYBOY Qual a sua opinião sobre o homossexualismo?

TONY Eu não conheço bem o assunto, embora já tenha lido alguma coisa sobre ele, visto filme. e até trabalhei numa peça que trata disso, *Os Rapazes da Banda*. Posso lhe dizer que, por princípios meus, jamais iria criticar os homossexuais por serem homossexuais. Mas trata-se de uma questão que ainda não está bem explicada para mim. Não sei por que uma pessoa é homossexual, não sei. Mas respeito. Se as pessoas estão nessa e se dão bem, OK.

PLAYBOY — Alguns países socialistas chegaram a considerar o homossexualismo um problema político e a punir os homossexuais com penas rigorosas. Hoje mesmo, no Irã, estão reprimindo violentamente os homossexuais. O que você acha disso?

TONY Acho uma barbaridade! De repente, só porque alguém tem um tipo de problema pessoal Eu considero um problema, porque, claro, na minha cabeça não entra que esse tipo de relacionamento seja normal. Não pode ser. Agora, porque encher o saco dessas pessoas, se não estão perturbando ninguém, estão somente tendo as suas vidas?

PLAYBOY — E se os revolucionários os do Irã, por exemplo — acharem que o comportamento homossexual pode comprometer a tentativa de criar uma sociedade nova, um homem novo?

TONY — Eu acho que, se querem criar algo novo, têm de criar a liberdade do homem, e que essa liberdade tem de vir acompanhada de uma nova responsabilidade. Responsabilidade para com você mesmo, para com o seu próximo. Essa responsabilidade é também a de não encher o saco do próximo. Português bem claro: é não encher o saco!

PLAYBOY Você tem amigos homossexuais?

TONY Claro. E são pessoas muito legais.

PLAYBOY — Certamente você conhece — e não vá me dizer que não conhece! grandes ídolos do cinema, do teatro e da televisão que exibem uma imagem de machões mas são homossexuais.

"Não sei por que uma pessoa é homossexual. Mas respeito. Se as pessoas estão nessa e se dão bem, OK"

TONY Conheço, tanto em nível brasileiro como internacional.

PLAYBOY — Pode citar alguns?

TONY Jamais faria isso. Seria uma atitude preconceituosa, pô! Claro que tem muito bicha por aí, mas acho que nas outras profissões também tem, não é?

PLAYBOY Tony Ramos é um bom ator?

TONY Sim, eu me considero um bom ator.

PLAYBOY Quantas novelas você fez até hoje?

TONY — Não me lembro o número exato. Umas vinte e duas, vinte e cinco, aproximadamente.

PLAYBOY E peças de teatro?

TONY Fiz. *Quando as Máquinas Param, O Grito de Liberdade, Os Rapazes da Banda, Pequenos Assassinatos, Absurda Pessoa, Leito Nupcial* fiz oito peças.

PLAYBOY Qual foi, dentre todos esses trabalhos, o mais gratificante para você?

TONY — Em teatro, foi *Quando as Máquinas Param*, de Plínio Marcos. Nós estávamos encenando a peça para os sindicatos.

PLAYBOY Em que ano foi isso?

TONY — Em 1969.

PLAYBOY — Você aceitaria fazer, hoje, esse tipo de teatro? Representar para os operários?

TONY — Claro que sim. E gostaria de fazer.

PLAYBOY — Renunciando ao seu sucesso atual na televisão?

TONY — Essa renúncia não seria necessária. Eu poderia perfeitamente fazer as duas coisas. Gosto demais de trabalhar em televisão. Mas posso fazer teatro durante os três meses de intervalo entre uma novela e outra.

PLAYBOY — E onde você se sente mais à vontade: no palco ou representando em frente às câmaras?

TONY — Embora tenha feito muito teatro, minha formação foi feita mais na televisão. Mas ninguém pode negar que existe um certo clima de preconceito contra a televisão e, em especial, contra as telenovelas. Clima esse criado por uma certa "elite" intelectual.

PLAYBOY Preconceito injustificável, no seu modo de ver?

TONY — No meu modo de ver as novelas são um veículo popular maravilhoso. Até onde foi possível, até onde a censura deixou, durante esses anos todos, as novelas foram um veículo que propôs discussões sobre o ser humano, seus problemas e também as suas fantasias. fantasias que todos nós temos na nossa vida pessoal. Não nego, porém, que os preconceitos que existem contra as novelas me deixam um pouco preocupado

PLAYBOY — Com o quê?

TONY Com a imagem que o público possa ter de mim: "Será que esses caras que trabalham na televisão são pessoas fúteis?" Eu não sou uma pessoa fútil! Não abro mão de dizer isso: não sou nenhum herói, não sou um panfletário, mas também não sou fútil. Por isso acho importante estar me abrindo aqui com a maior franqueza, por achar que alguém, ao ler minhas opiniões, talvez diga: "Esse galãzinho de TV até que sabe falar"

PLAYBOY — Você já fumou maconha?

TONY — Não, eu nunca transei tóxicos. Uma coisa que faço questão é ser eu mesmo, sem fugas. Por isso, não gosto nem de tomar Melhoral. Além

disso, os tóxicos hoje são muito curtidos por modismo e como não suporto modismos

PLAYBOY Mas muitos acham que esse modismo tem muitos adeptos entre os artistas. Você nunca percebeu um colega drogado, no trabalho?

TONY Nunca! Em todos esses anos de trabalho na televisão, nunca vi ninguém drogado. E olhe que é fácil perceber quando uma pessoa está drogada. Quanto a essa história de que os artistas são muito chegados a droga, posso afirmar também que nenhum dos meus amigos e olha que tenho pelo menos uma dezena de amigos no meio artístico —, posso afirmar que nenhum deles transa tóxicos.

PLAYBOY Vamos conhecer agora seu lado político. Nas últimas eleições, você votou na Arena ou no MDB?

TONY — Eu estava em trânsito, não pude votar.

PLAYBOY E se tivesse votado?

TONY Teria votado no MDB.

PLAYBOY Já votou na Arena alguma vez?

TONY Já, já votei.

PLAYBOY Em quem?

TONY — Votei num homem que pediu meu voto e que me parecia estar fazendo um bom trabalho na Câmara Federal. Votei no Adhemar de Barros Filho. Isso foi em 1970. Agora parece que admitir ter votado na Arena virou palavrão. Mas faço questão de afirmar que não votei enganado.

PLAYBOY Mudou suas posições depois?

TONY Olhe, na entrevista que deu a PLAYBOY, Chico Buarque fez uma observação brilhantíssima. Ele disse mais ou menos assim: "Me preocupam muito as pessoas que de repente começam a ser também de oposição" Eu, por exemplo, nunca fui um homem de posições políticas. Nunca fui mesmo. Sempre sofri críticas por isso e acho que vou continuar sofrendo, sendo bombardeado por um lado e pelo outro, por ser um liberal. Eu entendo como liberal o homem que respeita você, que está aí à minha frente, perguntando o que quer, assim como tenho de respeitar o crítico que acha o meu trabalho uma merda

"Votar na Arena virou palavrão, não é? Pois eu votei, em 1970. E não votei enganado"

PLAYBOY Quem teria merecido seu voto, se você tivesse votado em novembro último?

TONY Gostaria muito de ter votado num homem que eu acho brilhante, o Audálio Dantas. Outro candidato que me impressionou bem foi Fernando Henrique Cardoso. Mas também admiro muito o Franco Montoro. E, se eu votasse no Rio de Janeiro, teria votado em Heloneida Studart, uma mulher moderna, inteligente, batalhadora, mãe de quatro ou cinco filhos, uma mulher normal

PLAYBOY Você já fez alguma coisa na vida da qual se arrependeu?

TONY Fiz sim. Várias. Mas a que mais me marcou foi ter deixado o elenco de *Quando as Máquinas Param,* em 1970, para trabalhar em *Os Rapazes da Banda.* Fiz isso para ganhar mais dinheiro. Mas me arrependo mesmo.

PLAYBOY O que você acha da censura? Você a aprova?

TONY — Sou contra qualquer tipo de

Camisas US Top. Use por fora o que

você sente por dentro.

US TOP®

Jeans · Camisas · Calçados

Camisas US Top. Use por fora o que você sente por dentro.

US TOP®
Jeans · Camisas · Calçados

Maiores informações no Hotel Inter-Continental Rio

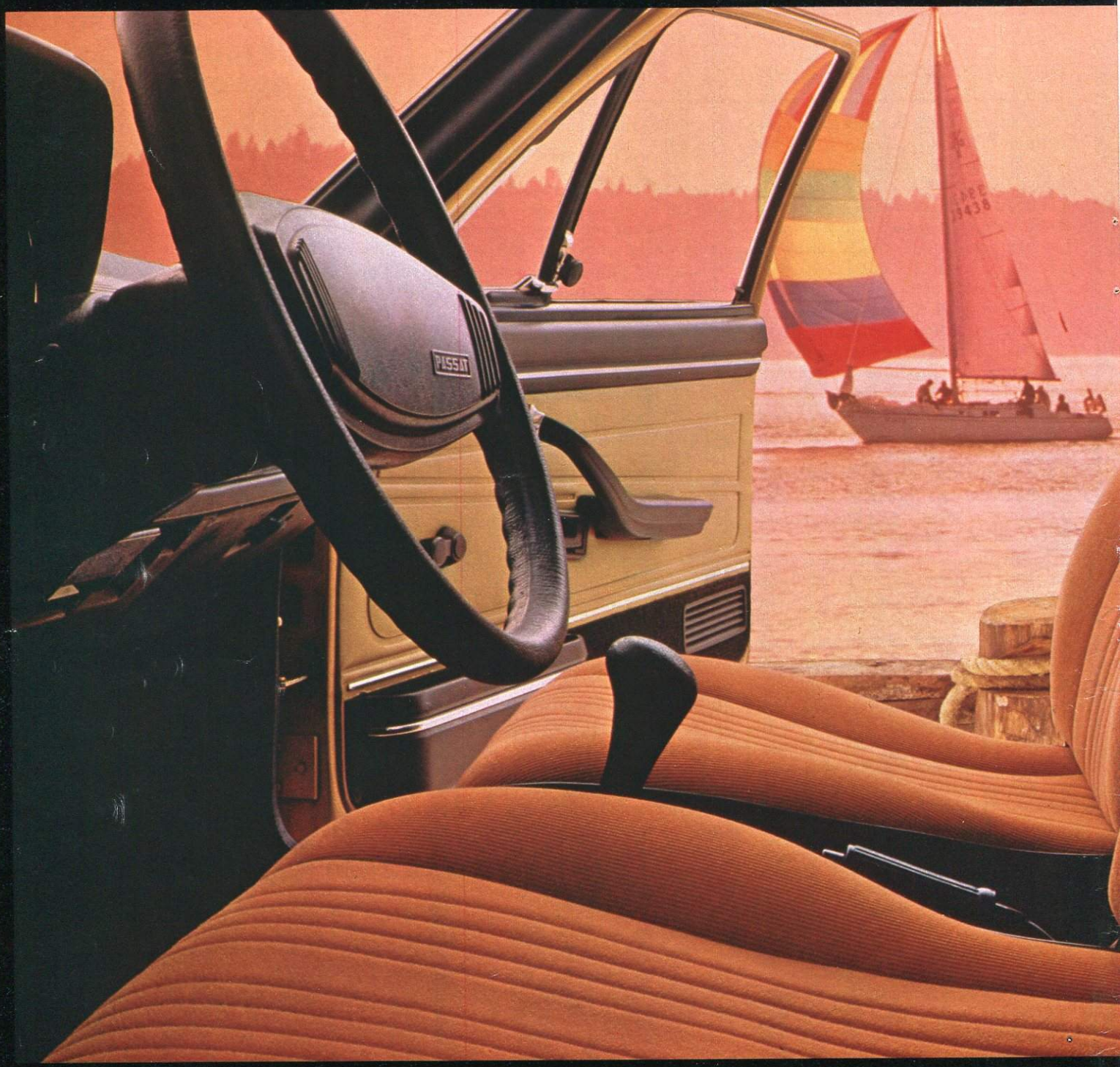
★★★★★

Rio de Janeiro: Av. Litorânea, 222 Telefone: 399-2200 / São Paulo: Avenida Ipiranga, 313 6º Sala 601 Telefone: 257-1506.

Nestlé
faz o melhor chocolate.

BP/RV/01-78

Passat. Mais do que um carro,



Ele dirige o Passat. Ela liga o rádio: "Manhã, tão bonita manhã, na vida uma nova canção...". O Passat roda suave em direção ao "pier".

Dentro do Passat eles se sentem felizes, livres. Próximos, nas poltronas aconchegantes, revestidas de tecido.

Muito espaço dentro do Passat. Muito espaço pela frente. Há um barco à espera.

No rádio, alguém canta: "Um velho calção de banho, um dia pra vadiar, um mar que não tem tamanho, um arco-íris no ar...".

Passat é como um bom barco em águas mansas. Seu conforto oferece em todos os momentos uma sensação de fim de semana, no lugar onde você gostaria de estar.

As tonalidades internas são calmas e não cansam. Detalhes que são só seus - as laterais internas, bolsas porta-objetos nas portas dianteiras, descansa-braço.

Passat. Você é o comandante.

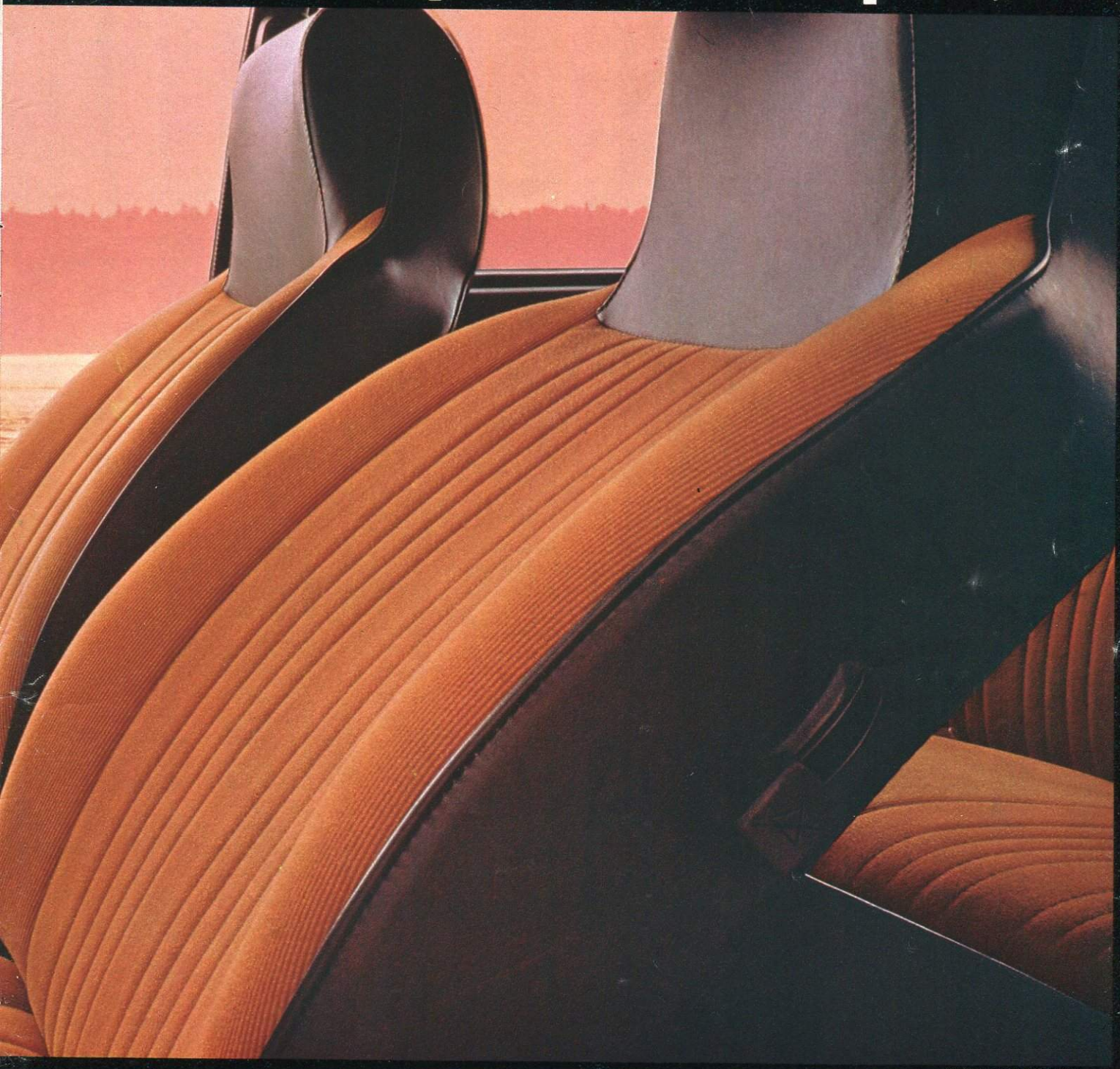
Atenção no painel, com os mostradores reestilizados. Mãos no volante espumado, anatômico.

Vento sul: "Balança os cabelos teus...".

Os dois chegam, tranqüilos. Trazidos pelo Passat, pela mais avançada tecnologia em motores refrigerados a água.

Nas curvas da estrada, a segurança dos freios. A suavidade e o silêncio da suspensão.

você está conquistando uma posição.



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

A cor metálica do Passat brilha ao sol.
E a música: "Dia de luz, festa de sol, e o barquinho a deslizar, no macio azul do mar...". Passat. Uma conquista.
Tão bom fugir dentro dele, com alguém que você quer.
"E o barquinho vai, e a tardinha cai..."

A marca que conhece o nosso chão.

Passat. Mais do que um carro, você está conquistando uma posição.

Ele dirige o Passat. Ela liga o rádio: "Manhã, tão bonita manhã, na vida uma nova canção...". O Passat roda suave em direção ao "pier".

Dentro do Passat eles se sentem felizes, livres. Próximos, nas poltronas aconchegantes, revestidas de tecido.

Muito espaço dentro do Passat. Muito espaço pela frente. Há um barco à espera.

No rádio, alguém canta: "Um velho calção de banho, um dia pra vadiar, um mar que não tem tamanho, um arco-íris no ar...".

Passat é como um bom barco em águas mansas. Seu conforto oferece em todos os momentos uma sensação de fim de semana, no lugar onde você gostaria de estar.

As tonalidades internas são calmas e não cansam. Detalhes que são só seus - as laterais internas, bolsas porta-objetos nas portas dianteiras, descansa-braço.

Passat. Você é o comandante.

Atenção no painel, com os mostradores reestilizados. Mãos no volante espumado, anatômico.

Vento sul: "Balança os cabelos teus...".

Os dois chegam, tranqüilos. Trazidos pelo Passat, pela mais avançada tecnologia em motores refrigerados a água.

Nas curvas da estrada, a segurança dos freios. A suavidade e o silêncio da suspensão.

A cor metálica do Passat brilha ao sol.

E a música: "Dia de luz, festa de sol, e o barquinho a deslizar, no macio azul do mar...". Passat. Uma conquista.

Tão bom fugir dentro dele, com alguém que você quer.

"E o barquinho vai, e a tardinha cai..."

A marca que conhece o nosso chão.

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Nada como ser amigo de Old Parr...
Old Parr
BOTTLED IN SCOTLAND
was interred at
Grand
Old Parr
REAL ANTIQUE AND RARE OLD
De Luxe
Scotch Whisky
Thomas Parr. Aged 152 Years
Westminster Abbey A.D. 1635
MACDONALD GREENLEES LTD.
DISTILLERS EDINBURGH SCOTLAND
75cl GAY LUSSAC 43°
DISTILLED AND BOTTLED IN SCOTLAND
UNDER BRITISH GOVERNMENT
SUPERVISION
o whisky de maior distinção
Madurecido e engarrafado na Escócia por
Macdonald Greenlees Ltd., Destiladores, Edimburgo, Escócia.

TRANSAS

Curtições, malandragens e outros papos

O Mundo de Playboy

Kayo Hayashi e Takaaki Nakao (Japão), Wolf Thieme (Alemanha), Mary Sheridan (EUA) e Franz Spelman (Alemanha).

PLAYBOY, CAPITAL RIO — O Rio foi a sede da IV Convenção Mundial de PLAYBOY, que reuniu, no fim de abril, representantes de todas as edições de PLAYBOY pelo mundo (americana, mexicana, espanhola, australiana, francesa, italiana, alemã, japonesa e brasileira, com uma tiragem global de 8 milhões de exemplares). Entre outros, esteve presente Christie Hefner, vice-presidente (EUA).

Annick Geille e Laurent Grumbach (França), na hora dos brindes.

FOTOS ADHEMAR VENEZIANO

Um papo no Hippo-Rio: Donald Stewart (EUA) e Ettore Mochetti (Itália).

Na foto do alto, num intervalo da convenção, Lee Hall, do Playboy americano, e Victor Civita, diretor da Editora Abril. Acima, Mário de Andrade, Roberto Civita (Brasil), Donald Stewart (EUA), Thomaz Souto Correa (Brasil) e Lee Hall (EUA). À esquerda: na pista do Hippopotamus, todo mundo caiu na dança; ao centro, a vice-presidente Christie Hefner.

A Candy o que é de Candy

Candy Loving recebeu, numa festa especialmente preparada para isso, o cheque de 25 mil dólares que ganhou por ter sido a vencedora do sensacional concurso que escolheu a "Playmate dos 25 anos de Playboy". O cheque foi entregue a Candy por Hugh Hefner (foto à esquerda). Candy (à direita), merece isso e muito mais, não é?

FOTOS PLAYBOY

Luzes, câmera, corte!

Você se senta na cadeira, as luzes são ligadas, a câmera começa a funcionar: não é um estúdio de TV, mas o salão do Pacheco (av. 9 de Julho, 5049, 2.º, São Paulo). O Pacheco, um dos cabeleireiros masculinos mais famosos do Brasil, corta seu cabelo ajudado por um circuito interno de TV (por enquanto, em preto e branco), com a tela de televisão fazendo o papel de espelho. Além disso, o Pacheco inventou o corte com aspirador: o aparelho suga as pontas cortadas.

Em Cartaz

É difícil conseguir falar com **Edo** (Eduardo Ribeiro) **Rocha.** Só com hora marcada — e com bastante antecedência; ele mesmo confessa: "Passo o dia inteiro grudado no telefone. É o único jeito de tocar 300 coisas ao mesmo tempo" Arquitetura está entre essas 300: Edo Rocha se formou na FAU em São Paulo, tem um ativo escritório de arquitetura e interiores na al. Lorena, SP. Foi ele que projetou a "super-suíte" do homem solteiro publicada em PLAYBOY, de abril último. Além da arquitetura, Edo Rocha é pintor e escultor, fotógrafo — vai fazer um livro com "paisagens figurativas" e diretor de uma empresa cinematográfica que co-produziu *Killer Fish* com Carlo Ponti. Como um dos principais arquitetos paulistas, Edo agora projeta sua casa — na qual tudo será pensado em função da música.

FOTO/LUIZINHO CORUJA

FOTO/KERRY MORRIS

A bela e a fera

Geralmente, uma mulher bonita que passeia pelas ruas com seu cachorrinho de estimação costuma atrair um interesse apenas moderado por parte dos pedestres. Mas quando a playmate do ano de 1977, a bela Patti McGuire (foto acima), sai com seu animalzinho, em calças compridas e transparentes de poliuretano, bem, aí o tráfego simplesmente pára. .

FOTO/PLAYBOY

O que vem por aí

A bem dotada **Valerie Perrine** (foto) faz uma camponesa faminta de sexo no filme *O Mágico de Lublin,* baseado no romance do Prêmio Nobel **Isaac Bashevis Singer.** O mágico do título é **Alan Arkin** que, além de Valerie, tem uma agitada vida sexual com sua mulher, sua assistente e outras mais. Ainda de cinema: **Peter Sellers** faz um papel duplo em *Fu Manchu,* baseado na história do famoso vilão dos livros de **Sax Rohmer;** Sellers fará o papel de Fu Manchu e o de seu inimigo, o inspetor Nayland Smith. **Luís Fernando Goulart,** que fez *A Rainha do Rádio,* está terminando um novo filme sobre a Tradicional Família Mineira, com **Nélson Xavier** e **Lúcia Mello.** O fotógrafo é o mesmo do premiado documentário *Raoni,* **Luis Carlos Saldanha.** ☆ Na música: este mês, o cantor argentino **Atahualpa Yupanqui** fará temporada no Brasil; **Edu Lobo** vai ter um programa especial na Rede Globo de Televisão. Está sendo preparado um novo Festival de Woodstock, comemorando dez anos do marco histórico do rock. O festival será realizado de 15 a 17 de agosto.

INFINITY MARK II.
DESAFIADORAMENTE INCOMPARÁVEL.

Com o Infinity Mark II, o amplificador de som para automóveis alcançou a sofisticação dos aparelhos para grandes ambientes.
Na aparência e no sistema.
Por fora, um design discreto e elegante, com um esquema de funções cuidadosamente concebido.
Duas chaves de tecla aumentam os graves e os agudos em 12 decibéis.
Comando de "Fader" que distribui o som estereofônico entre os bancos dianteiro e traseiro.
Chave de comutação de canais, que controla o sistema de alto-falantes.
"Push-button" liga-desliga.
Por dentro, toda a tecnologia avançada que faz dos Infinity um alto padrão de qualidade em som.
80 Watts RMS (contínuos) de potência proporcionam a você uma sensação musical inigualável, reproduzindo, tanto no mais alto como no mais baixo volume, todos os detalhes sonoros, com a agilidade e precisão que você pensava somente existir nos amplificadores residenciais de alta classe.
Num mundo cheio de denominadores comuns, o Infinity Mark II é desafiadoramente incomparável.

General Acoustics
Indústria Eletrônica Ltda.

Rua Paranapanema, 256 Ramos - Rio
Tels. (021)270-1693 e 270-1549
Telex 2122681

Se os melhores whiskies da Escócia são filtrados com carvão ativado, por que não o cigarro que você fuma?

CARVÃO, O FILTRO MAIS LIMPO.

O carvão é o elemento filtrante mais completo da natureza.

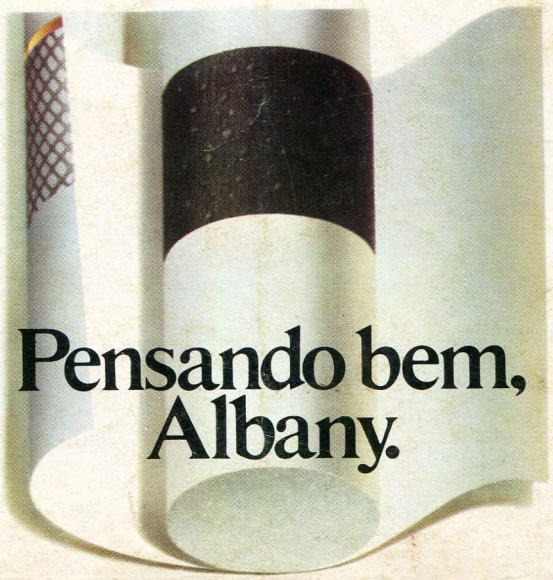
Por ser tão limpo e confiável, é usado na purificação do ar das cápsulas espaciais e dos submarinos atômicos.

É, reconhecidamente, o melhor sistema para filtragem de água potável.

E as grandes destilarias o usam para purificar, suavizar e acentuar o sabor dos melhores whiskies que você conhece.

Agora, imagine só o que o filtro de carvão pode fazer pelo cigarro que você fuma.

POR ISSO ALBANY É TÃO SUAVE E GOSTOSO DE FUMAR.



Pensando bem, Albany.

Albany é o único cigarro brasileiro com filtro duplo: um de acetato e outro de carvão ativado.

O carvão ativado absorve aquilo que você não quer do cigarro, tornando-o mais puro e suave, como nenhum outro filtro consegue fazer.

E, ao mesmo tempo, acentua o sabor dos melhores fumos. Fumos de qualidade Souza Cruz.

Pensando bem, é melhor fumar Albany

Puro e suave, gostoso de fumar.

QUALIDADE SOUZA CRUZ.

Ela se sente inteiramente
à vontade na vida rude de uma fazenda.
Antes de descobrir as motos, sua
grande paixão eram os cavalos.

"Aprendi a montar aos 5 anos
e desde os 10 sei dominar
motocicletas" informa Missy. Isso
faz dela uma líder em sua turma.

PARA SEU ARQUIVO

FICHA PESSOAL

NOME: Missy Cleveland

BUSTO: 86 CINTURA: 56 QUADRIS: 81

ALTURA. 1,63 PESO: 43

SIGNO: Capricórnio

DATA DE NASCIMENTO: 25/12/59 LOCAL: Jackson - Mississípi

ASPIRAÇÕES: Viajar pelo mundo todo (meu sonho é conhecer o Egito) e viver intensamente.

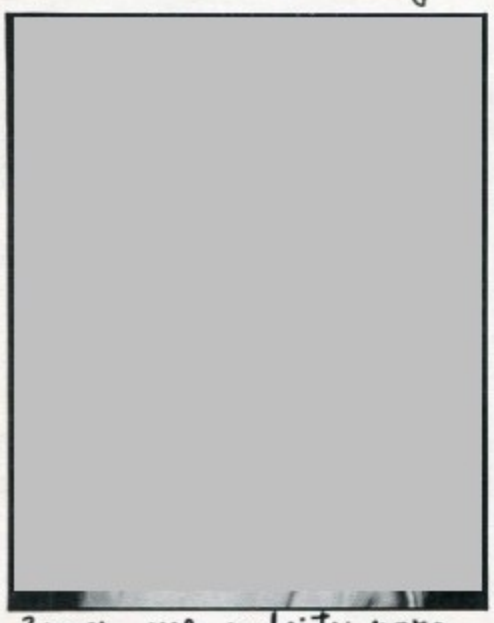
GOSTA: Ver o pôr-do-sol do alto de uma montanha, noites enluaradas, cavalos, fazendas, os campos floridos na primavera e gente simples.

NÃO GOSTA. Poeira, barulho, trânsito congestionado, carne mal passada e violência.

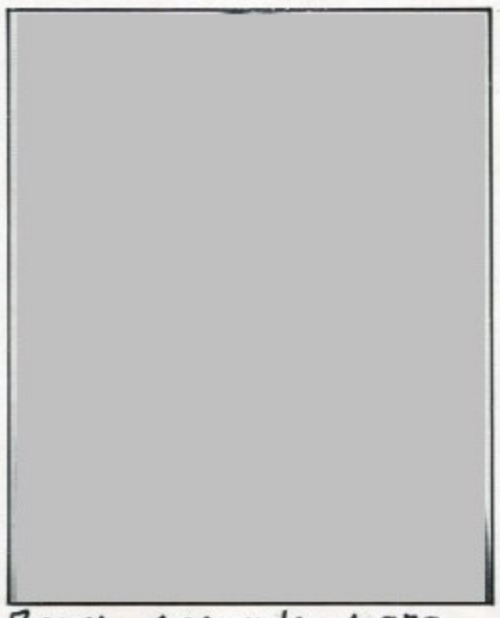
FILMES FAVORITOS: Gostei muito de "O Céu Pode Esperar" (de Warren Beatty) e "Nosso Amor de Ontem" (com Barbra Streisand e Robert Redford).

MÚSICOS PREFERIDOS: Os conjuntos Heart e o Fleetwood Mac.

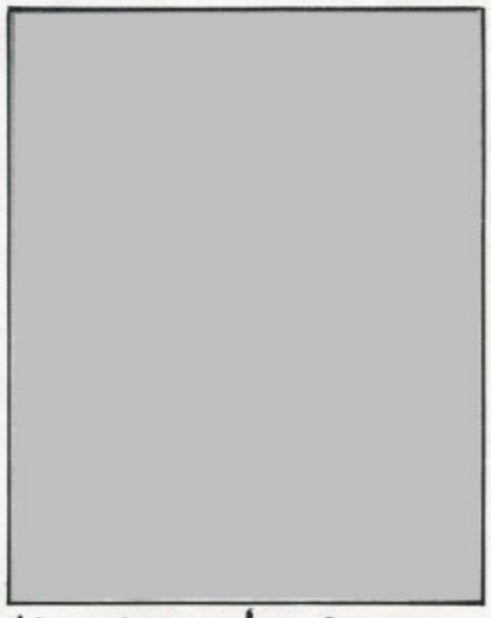
NOITE IDEAL: Champanha e luz de velas não são indispensáveis, mas ajudam muito.



3 anos me enfeitei para um passeio de domingo.



7 anos posando para os garotos do 2º ano primário.



10 anos ganhei o concurso de Miss Mississípi Infantil

MISS JUNHO A PLAYMATE DE PLAYBOY

Missy Cleveland

MISS JUNHO A PLAYMATE DE PLAYBOY